



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação

Traduções que voam: o papel do tradutor num ambiente de especialização

Pedro Miguel Carvalho Barreira

Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior
de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em
Tradução

Orientado por Isabel Chumbo

Bragança
dezembro, 2025

Traduções que voam: o papel do tradutor num ambiente de especialização

Pedro Miguel Carvalho Barreira

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Tradução

Orientado por Isabel Chumbo

**Bragança
dezembro, 2025**

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. O recurso às ferramentas de inteligência artificial foi pontual e destinou-se sobretudo a questões logísticas e qualquer resultado obtido foi alvo de escrutínio, confirmação e validação humana.

Agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus familiares, expresso o meu mais sincero reconhecimento. O vosso apoio foi determinante em todas as fases do meu percurso. Nunca colocaram em causa as minhas decisões, mesmo quando estas representavam caminhos menos seguros.

Não posso deixar de fazer um agradecimento especial à Professora Isabel Chumbo. Mais do que uma orientadora, foi uma verdadeira mentora, guia e conselheira nos momentos decisivos, tanto a nível académico como pessoal. A sua disponibilidade constante, a sensibilidade com que soube orientar-me nos momentos de maior dúvida, e a confiança que sempre demonstrou nas minhas capacidades foram determinantes para que esta etapa chegasse ao fim com sucesso. Terei sempre uma enorme admiração e gratidão pelo seu papel em todo o meu percurso.

Por último, agradeço aos meus pais. São a minha maior inspiração e o meu maior orgulho. Foram, desde sempre, o exemplo de força, resiliência e amor incondicional. Nunca me deixaram desistir, mesmo quando a exaustão falava mais alto. Compreenderam os meus silêncios, apoiaram as minhas decisões, e estiveram presentes mesmo à distância. Esta conquista é tanto vossa quanto minha. Obrigado por tudo — por cada gesto, cada sacrifício, cada palavra de encorajamento. Este trabalho carrega, em cada linha, o reflexo do vosso amor e do vosso esforço que permitiu o vosso filho vencer na vida.

À minha namorada, o meu mais sincero e sentido obrigado. O apoio incondicional, a paciência nos momentos difíceis, e o encorajamento constante foram um pilar fundamental ao longo de todo este percurso. Estiveste sempre ao meu lado — nos dias bons e, sobretudo, nos menos bons — e isso fez toda a diferença. Este relatório, e tudo o que ele representa, também é teu.

Resumo

O presente relatório, elaborado no âmbito do Mestrado em Tradução da Escola Superior de Educação de Bragança, analisa o papel do tradutor em contextos de especialização, com foco particular na tradução técnica aplicada ao setor aeronáutico. A componente teórica aborda a definição e as características da tradução especializada, destacando a necessidade de precisão terminológica, domínio das línguas para fins específicos e compreensão das convenções discursivas próprias de cada domínio técnico. Discute-se ainda a importância do inglês enquanto língua franca da aviação, a fraseologia padronizada da ICAO e a relevância da clareza comunicativa para a segurança operacional.

A dimensão prática descreve o estágio curricular realizado na empresa Ataxis, em Sevilha, onde o autor desempenhou funções de tradução e interpretação em contextos técnicos e confidenciais relacionados com a aviação. As atividades incluíram a tradução de manuais aeronáuticos, exames, protocolos de segurança e comunicações simuladas entre pilotos e controladores. O relatório sublinha a importância da confidencialidade e da confiança no exercício tradutório, refletindo sobre a ética profissional e a responsabilidade do tradutor em ambientes de alta especialização.

Conclui-se que o estágio proporcionou o desenvolvimento de competências linguísticas, técnicas e éticas, consolidando a visão do tradutor como mediador intercultural e técnico, essencial à segurança e eficácia da comunicação no setor aeronáutico.

Palavras-chave: tradução especializada; inglês para aviação; fraseologia; interpretação; confiança em tradução.

Abstract

This report, written within the scope of the Master's Degree in Translation at the School of Education of Bragança, analyses the role of the translator in specialised contexts, with particular focus on technical translation applied to the aviation sector. The theoretical component addresses the definition and characteristics of specialised translation, highlighting the need for terminological precision, mastery of languages for specific purposes, and an understanding of the discursive conventions inherent to each technical domain. It also discusses the importance of English as the lingua franca of aviation, the standardised ICAO phraseology, and the relevance of communicative clarity for operational safety.

The practical section describes the curricular internship carried out at Ataxis, in Seville, where the author performed translation and interpreting tasks in technical and confidential aviation-related contexts. The activities included the translation of aeronautical manuals, exams, safety protocols, and simulated communications between pilots and air traffic controllers. The report emphasises the importance of confidentiality and trust in translation practice, reflecting on professional ethics and the translator's responsibility in highly specialised environments.

It concludes that the internship fostered the development of linguistic, technical, and ethical competences, consolidating the view of the translator as an intercultural and technical mediator, essential to the safety and effectiveness of communication in the aeronautical sector.

Keywords: specialised translation; aviation English; phraseology; interpreting; translation trust.

Resumen

El presente informe, elaborado en el marco del Máster en Traducción de la Escuela Superior de Educación de Bragança, analiza el papel del traductor en contextos de especialización, con especial atención a la traducción técnica aplicada al sector aeronáutico. La parte teórica aborda la definición y las características de la traducción especializada, destacando la necesidad de precisión terminológica, el dominio de lenguas para fines específicos y la comprensión de las convenciones discursivas propias de cada ámbito técnico. También se analiza la importancia del inglés como lengua franca de la aviación, la fraseología estandarizada de la OACI y la relevancia de la claridad comunicativa para la seguridad operacional.

La parte práctica describe las prácticas curriculares realizadas en la empresa Atexis, en Sevilla, donde el autor desempeñó funciones de traducción e interpretación en contextos técnicos y confidenciales relacionados con la aviación. Las actividades incluyeron la traducción de manuales aeronáuticos, exámenes, protocolos de seguridad y comunicaciones simuladas entre pilotos y controladores aéreos. El informe subraya la importancia de la confidencialidad y la confianza en el ejercicio traductor, reflexionando sobre la ética profesional y la responsabilidad del traductor en entornos de alta especialización.

Se concluye que las prácticas favorecieron el desarrollo de competencias lingüísticas, técnicas y éticas, consolidando la visión del traductor como mediador intercultural y técnico, esencial para la seguridad y la eficacia de la comunicación en el sector aeronáutico.

Palabras clave: traducción especializada; inglés aeronáutico; fraseología; interpretación; confianza en la traducción.

Índice

Agradecimentos	ii
Abstract.....	iv
Resumen.....	v
Índice de Figuras.....	vii
Lista de abreviaturas	viii
Introdução.....	1
Capítulo 1 – A Tradução Especializada	5
1.1 Definição.....	5
1.2 Características deste Tipo de Tradução.....	15
Capítulo 2 – O Inglês para a Aviação.....	23
2.1 <i>Aviation English</i> enquanto Língua Franca.....	25
2.2 Fraseologia Padrão	32
2.3 A Clareza e Precisão na Comunicação da Aviação.....	35
Capítulo 3 – A confidencialidade e a Confiança na Tradução	39
Capítulo 4 – O Estágio.....	47
4.1 Instituição de Acolhimento	47
4.2 Regras de Funcionamento do Estágio.....	50
5. Tarefas Desenvolvidas	53
5.1 Traduções.....	53
5.2 <i>Sight Translation</i> em Provas.....	60
5.3 Interpretação em Ambiente de Simulação.....	65
Capítulo 6 – Reflexão Crítica	69
Conclusão	73
Referências bibliográficas.....	75
Apêndices	80

Índice de Figuras

Figura 1 – O alfabeto que a ICAO propõe para uso corrente na aviação.	35
Figura 2 – Exemplo de exercício retirado do manual English for Aviation for Pilots and Air Traffic Controllers.....	37
Figura 3 – Exemplo de exercício retirado do manual English for Aviation for Pilots and Air Traffic Controllers.....	38
Figura 4 – Exemplo de uma figura constante de um manual relativo ao avião A400M.....	55
Figura 5 – Exemplo de entradas de abreviaturas no Dicionário de Aviação da Oxford.....	58
Figura 6 – Ambiente de simulação de aproximação à pista no aeródromo de Bragança	66

Lista de abreviaturas

ATC – Air Traffic Control

APT – Associação Portuguesa de Tradutores

APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes

APU – Auxiliary Power Unit

CHT-E – Cargo Hold Trainer – Enhanced

EASA – European Union Aviation Safety Agency

ESP – English for Specific Purposes

ETA – Estimated Time of Arrival

ETD – Estimated Time of Departure

FFS – Full Flight Simulator

ICAO – International Civil Aviation Organization

LSP – Language for Specific Purposes

MSO – Mission System Operator

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Introdução

O tema deste relatório está centrado na tradução especializada e nos desafios que o tradutor enfrenta quando inserido num ambiente de especialização. Assim sendo, o mesmo reflete a minha experiência de estágio desenvolvida na empresa Atexis, em Espanha.

A tradução especializada é uma importante fatia do mercado de tradução, sobretudo se aplicarmos esta designação enquanto oposição à tradução literária e mais generalista. Ela distingue-se por um conjunto de características que a tornam única no panorama da tradução, exigindo dos tradutores competências específicas adaptadas a diversos domínios técnicos e científicos, como por exemplo na tradução jurídica, médica, económica. Essas competências incluem, para além dos sólidos conhecimentos linguísticos, contextuais e terminológicos, uma vasta capacidade de absorção de conhecimentos de uma área conceptual especializada que pode decorrer num contexto normativo específico, com regulamentos e leis próprias.

Os objetivos deste relatório são não só descrever o estágio desenvolvido, mas também apresentar uma reflexão de cariz teórico sobre os diferentes temas que se interligam com essa prática. Pretende-se, pois, percorrer esses temas de forma focada, demonstrando a sua relevância para fundamentar teoricamente a componente prática desenvolvida ao longo de três meses.

O presente trabalho preocupa-se em contribuir para a reflexão

académica da tradução num contexto de aviação, através de um

primeiro capítulo centrado na conceptualização da tradução especializada e na análise de algumas das suas características. Tal é necessário para enquadrar teoricamente a base do estágio que desenvolvi. Por isso, num segundo capítulo, é abordado o inglês na aviação e da aviação, contexto no qual a parte prática da unidade curricular de Dissertação, Projeto, Estágio e Relatório foi implementado. No decorrer dessa secção é problematizada a questão do inglês enquanto língua franca na era globalizada, mas sobretudo no campo da aviação, após uma breve contextualização histórica. Tanto a clareza como a precisão desse tipo de comunicação, enquanto fenómeno de *Aviation English*, também são abordados. Num terceiro capítulo do enquadramento teórico deste relatório é apresentada a relevância da confidencialidade e do conceito de confiança em tradução.

A segunda parte do relatório narra o contexto do estágio propriamente dito. É realizada uma breve apresentação da empresa, bem como das regras de funcionamento do estágio, das quais destaco o trabalho em ambiente controlado, com acesso limitado e supervisionado a materiais e ferramentas. Seguidamente discorro sobre as traduções realizadas, de manuais, diferentes documentos de comunicação, muitos deles contendo informação sensível. Menciono ainda a importância da tarefa de *sight translation* realizada no âmbito de provas de exames e a interpretação desenvolvida no simulador, dando exemplos de diferentes situações ocorridas. Antes da conclusão

do trabalho, apresento ainda uma reflexão crítica sobre o significado deste estágio para mim enquanto estagiário e estudante do mestrado de Tradução.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – A Tradução Especializada

1.1 Definição

A tradução especializada constitui um dos domínios mais relevantes e exigentes da atividade tradutória contemporânea, dada a crescente necessidade de circulação de informação em áreas específicas do conhecimento. Embora o termo seja por vezes utilizado de forma abrangente para designar qualquer tradução que se afaste da literatura ou de textos de carácter geral, a sua conceptualização implica distinguir entre diferentes modalidades de prática tradutória, nomeadamente a tradução técnica e a tradução científica. De uma forma generalista e mais simplista, poderei indicar que a tradução especializada é uma prática de tradução centrada em textos que pertencem a domínios técnicos, científicos, jurídicos, médicos, económicos, e que requerem um elevado grau de precisão terminológica, conhecimento contextual e competência comunicativa específica. Esta não deve ser entendida como uma atividade meramente mecânica ou inferior à tradução literária, mas sim como uma prática sofisticada que exige sensibilidade cultural, capacidade interpretativa e domínio de normas e convenções disciplinares próprias. Tal como explica Rogers (2015),

Whilst clients often find it difficult to understand specialised translation as anything other than a word-for-word substitution exercise lacking the creativity or complex

decision-making associated with literary translation, both novice and experienced translators of non-literary genres need to acquire specialist knowledge in order to establish a frame within which they can make well-motivated translation decisions if they are to produce a coherent target text. (p. 21)

A tradução especializada tem sido objeto de múltiplas definições e abordagens teóricas que refletem diferentes perspectivas quanto ao seu âmbito, função e enquadramento histórico. Entre alguns autores lidos e analisados – Scarpa (2020), Olohan (2016) e Bennett (2011) – é possível identificar tanto pontos de convergência como divergências significativas nesta conceptualização. Scarpa (2020) propõe uma definição abrangente, na qual “specialised translation (or LSP translation) is used as a collective term referring to the cross-language translator-mediated communication of LSP documents, i.e. service texts having a practical and mainly informative function external to the text itself” (p. 114). A autora considera que o termo “tradução especializada” é mais adequado do que “tradução científica e técnica”, uma vez que inclui não apenas os domínios da ciência e da tecnologia, mas também áreas como o direito, a economia ou a filosofia. O foco da sua proposta recai, assim, sobre a função comunicativa e pragmática dos textos de especialidade, entendidos como instrumentos de mediação social e cultural que visam responder a necessidades específicas de comunidades profissionais.

Por sua vez Olohan (2016) apresenta uma perspectiva mais delimitada, centrada especificamente na tradução científica e técnica. A autora descreve esta como “texts that are typically translated in scientific and technical domains, such as technical instructions, data sheets and brochures, patents, scientific research articles and abstracts, popular science press releases and news reports” (p. i). Neste caso, a definição não surge de forma teórica e abstrata, mas antes como uma enumeração de tipologias textuais que delimitam o campo de intervenção do tradutor. Assim, a ênfase de Olohan (2016) recai sobre a dimensão prática e profissional da tradução, realçando os contextos de produção e os tipos de texto que mais frequentemente requerem mediação linguística.

O verbete de Schubert (2010), contido no *Handbook of Translation Studies*, vol. 1, determina que a tradução técnica incide, sobretudo, em documentação de cariz técnico, exemplificando com manuais de produtos (instalação, operação), sendo possível que esta partilhe características com a tradução científica. Neste campo, Montgomery (2010) clarifica que esta vertente da tradição se dedica a traduzir o conhecimento científico ao longo da história, estabelecendo desde logo uma diferença face à tradução técnica anteriormente apresentada. O autor refere como exemplo de tradução científica os textos da Antiguidade Grega sobre Astronomia, Astrologia e Medicina para o árabe até ao século XI. No século seguinte, iniciou-se a tradução para latim, enquanto reflexo de uma realidade sociopolítica nova, sobretudo

na Europa. O mesmo autor esclarece ainda que “the uptake of Greco-Arabic science was part of a major ‘awakening’ in Europe at this time, which also involved the arts and architecture, theological reform, and founding of the first universities” (p. 300). O investigador acresce que durante a Idade Média e tempos posteriores também a China traduziu bastante informação científica desde o árabe.

Posteriormente, o advento da imprensa e a fortificação das línguas vernáculas durante o Renascimento, originaram uma diversificação linguística na produção e tradução científica. O período da revolução científica na Europa leva Montgomery (2010) a afirmar que a tradução foi um elemento “polinizador” do conhecimento científico ao contribuir para a tradução para uma grande parte das línguas faladas na Europa.

Um aspeto interessante abordado por este investigador é o que concerne as línguas francas que integraram a divulgação científica ao longo do tempo, exemplificando com o grego, árabe, chinês, latim e atualmente o inglês. No seu entender,

It is only in the period of early and high modernity, from roughly 1680 to 1980, that science progressed without a truly dominant international tongue but instead relied on a scatter of competing vernaculars. Scientific translation during this period therefore involved a transfer among literally dozens of tongues, with a few major languages

(especially German, French, English, later Russian) and a large number of secondary languages. (p. 301)

Montgomery estabelece a década de 1980 como a que iniciou o domínio do inglês na comunicação e tradução científica.

Um pouco na sequência destas ideias, também Bennett (2011) não fornece uma definição clara de tradução especializada, mas enquadra a sua análise no contexto histórico da Revolução Científica do século XVII, que terá alterado profundamente os modos discursivos ocidentais. A autora observa que, “through a process of grammatical metaphorization [...] primary experience was linguistically reconstrued to create a picture of a static objective universe from which all subjectivity was effectively removed” (p. 189). A tradução técnica, neste enquadramento, deve ser entendida como indissociável deste novo paradigma discursivo, caracterizado pela objetividade, pela impessoalidade e pela formalização linguística. Assim, Bennett (2011) enfatiza sobretudo o processo histórico e epistemológico que conduziu à emergência de um discurso científico padronizado e universalizável, o qual, por sua vez, molda as práticas de tradução contemporâneas.

Da comparação destas perspetivas sobressaem algumas semelhanças fundamentais. Todos os autores reconhecem que a tradução especializada se distingue da tradução literária pelo seu carácter predominantemente informativo e funcional, associado a contextos profissionais e campos do conhecimento específicos. Além disso, convergem na identificação de regularidades discursivas que

marcam este tipo de tradução, nomeadamente a necessidade de precisão terminológica e a orientação para a objetividade comunicativa.

Todavia, as diferenças entre os autores são igualmente relevantes. Scarpa (2020) propõe uma definição ampla, que valoriza a dimensão pragmática e funcional da tradução especializada e a coloca como um termo guarda-chuva que integra diferentes domínios do saber. Olohan (2016), em contraste, adota uma perspetiva mais restritiva, centrada na tradução científica e técnica e na caracterização de géneros textuais específicos. Bennett (2011), por fim, distingue-se ao situar a tradução técnica numa perspetiva histórica e epistemológica, explicando como a emergência do discurso científico moderno condiciona os modos de traduzir e as expectativas de objetividade.

As diferentes abordagens da literatura já referida levaram-nos a questionar se existe efetivamente o conceito de tradução especializada. Rogers (2015) afirma que esta questão não só faz sentido, como é “open to interpretation” (p. 21). A abordagem desta autora encara a tradução especializada como um termo amplo:

Whilst the term ‘specialised translation’, like the German *Fachübersetzen*, covers the full range of disciplines across Arts and Humanities, Social and Natural Sciences, as well

as Engineering and other technologies, it is often more narrowly understood to mean 'sci-tech translation'. (p. 21)

Explica, de seguida, que a tradução especializada é uma categoria e que as traduções técnicas e científicas constituem subcategorias daquela. No seu entender, a tradução especializada assenta "on an understanding of 'specialised language' or 'LSP' or, more accurately, LSPs" (Rogers, 2015, p. 24), assunto que a seguir também abordaremos.

Para esta autora (Rogers 2015) a tradução especializada desempenha um papel fundamental na sociedade atual, "The world of the late 20th and early 21st centuries has been characterised as a global society driven by information and knowledge", assumindo uma função comunicativa central em domínios técnicos e institucionais com impacto direto na vida das pessoas. Assim, defende que esta forma de tradução deve ser libertada do rótulo redutor de "não-literária" e reconhecida pela sua complexidade conceptual e discursiva.

Tal ideia é complementada por Scarpa (2020), que afirma de forma explícita que "the only binary that makes sense to maintain for its explanatory power is that between 'specialised' and 'literary' translation" (p. 84). Para a autora, a diferença assenta sobretudo na natureza dos textos e nas consequências tradutórias:

the individuality of both the ST author and the translator, the creative nature of the language and the lack of a predominant communicative purpose. In contrast to these, the main features of a specialised text are the availability of pre-existing comparable texts in the TL serving as important reference points for the translator's choices, and the translation's orientation to the users of the TT (p. 86).

Por isso, Scarpa (2020) considera que, enquanto os textos literários são "*open' texts*", os especializados são "closed" "texts" (p. 86). Acrescenta ainda que "untranslatability does not apply to specialised translation, where meanings can always be conveyed across different languages, dealing as it does with service texts written in a special language and directed to a restricted target discourse community" (p. 87). Finalmente, salienta que os erros deste género têm impactos distintos:

in literary translation, errors [...] do not have serious consequences [...]. By contrast, in specialised translation the translator's responsibility concerning the factual correctness of the TT is of paramount importance and translation problems can affect parts of the text which are 'high-risk' (p. 88).

Embora Olohan (2016) não apresente uma oposição tão sistematizada, sublinha igualmente a diferença de abordagem, observando que “the translation approach to a research article on astrophysics is completely different from that to a novel or a poem because there is a shift of emphasis from one set of problems to another” (p. 4). A ideia central é que os géneros especializados implicam um tipo de problema tradutório orientado para a terminologia, a clareza e a funcionalidade, em contraste com os desafios estilísticos e interpretativos da tradução literária.

A terminologia surge como um elemento nuclear da tradução especializada e como revela Rogers (2015), “terminological knowledge is a necessary but insufficient condition for specialised translators to do their job” (p. 3). Esta perspetiva é corroborada pela própria autora, que lembra que

LSP discourse (and hence its lexical content), and translation in particular where two cultures meet, is certainly not free from cultural issues of many kinds. These include the conceptualisation of different subject fields to the use of metaphor in some genres, as well as pragmatic issues such as rhetorical purpose (p. 4).

Além do domínio terminológico, a tradução especializada implica o conhecimento aprofundado dos géneros textuais e das convenções

discursivas dos diferentes campos de especialidade. Rogers (2015) reforça esta ideia ao sublinhar que “terminology, whilst being in many ways the most salient marker of LSP texts, is by no means the only one [...] LSP texts always have a communicative purpose which is situated in a particular socio-cultural context” (p. 31).

A prática da tradução especializada exige, portanto, uma abordagem multidisciplinar, em que o tradutor atua como mediador cultural e técnico, pois “considerations other than authorial voice reflecting the function of the text type, fast-changing terminologies and target-language genre conventions assume greater importance” (Rogers, 2015, p. 79).

Até este ponto verificámos a existência de diversas abordagens conceptuais à tradução especializada, técnica e científica, sendo que não só me identifico, como me parece mais adequada ao meu contexto de estágio, a abordagem de Rogers (2015) que considera a tradução especializada um termo abrangente e que recorre ao uso de uma língua para fins específicos (LSP), podendo incluir características da tradução técnica e da tradução científica.

Importa ainda sublinhar que a tradução especializada, apesar do seu carácter técnico e informativo, pode também envolver processos criativos e decisões interpretativas complexas. A mesma autora (Rogers, 2015) sublinha que a ideia de que os tradutores especializados são meros “conduits for the smooth transmission of authoritative knowledge” é enganadora, já que, tal como no domínio

literário, também "scientific

knowledge is not simply reproduced as it gets distributed across different languages and cultures” (Rogers, 2015, p. 6). Assim, mesmo em textos predominantemente informativos, o tradutor negocia, adapta e recria o conteúdo de acordo com necessidades comunicativas e socioculturais específicas.

A tradicional distinção entre tradução literária e não-literária revela-se, por isso, insuficiente. Acrescenta ainda Rogers (2015), “a binary classification of literary versus non-literary translation is not helpful in understanding how translation works” (p. 80).

Deste modo, a tradução especializada deve ser entendida como uma prática discursiva, funcional e culturalmente situada, em que o tradutor assume o papel de mediador ativo, possuidor de conhecimentos de uma língua para fins específicos.

1.2 Características deste Tipo de Tradução

A tradução especializada distingue-se por um conjunto de características que a tornam única no panorama da tradução, exigindo do tradutor competências específicas adaptadas aos domínios técnicos, científicos, jurídicos, económicos e institucionais em que atua. Longe de se tratar de uma tarefa mecânica ou puramente lexical, esta prática de tradução requer uma abordagem multidimensional, que integra conhecimentos terminológicos, textuais, culturais, tecnológicos e normativos.

Uma das características mais relevantes da tradução especializada, como já vimos, é a presença de terminologia técnica e codificada, associada às já referidas Línguas para Fins Específicos (LSP – *Languages for Special Purposes*). Estas referem-se ao uso especializado da língua em contextos profissionais, científicos e técnicos, distinguindo-se da língua comum pelo seu vocabulário preciso e pelas convenções discursivas próprias. Nos últimos anos, as LSP surgem frequentemente referidas em conjunto com a didática das línguas, afirmando diferentes autores (Dalipi, 2025; Monnier, 2018; Ruggiero, 2022; Trace, Hudson & Brown, 2015) que isso se deve ao crescimento de necessidades comunicacionais prementes dos séculos XX e XXI. Exemplos deste tipo de língua específica são o inglês financeiro, o francês da culinária ou o português jurídico. Arnó-Maci et al. (2014) concluem que “LSP has been a multidisciplinary activity involving collaboration, engagement with disciplinary knowledge, innovation and flexibility, and interaction in authentic situations with realistic materials” (p. 3) e acrescentam que este tipo de comunicação é potenciado pela necessidade prática de uma comunidade profissional ou de estudantes que participam em situações específicas de aprendizagem (música, tecnologias de informação), pelo que as LSP se adaptam a estas situações concretas. Os autores mencionados chegam a focar-se no Inglês como Língua Específica (ESP), como sendo de maior relevância na atualidade, porque

it has been driven by economic trends and the internationalization of science, industry, and business. Nowadays, students and professionals worldwide are immersed in work and study contexts that involve communication and collaboration across borders, a situation which is also largely due to developments in technology. (Arnó-Maci, et al., 2014, p. 5)

As línguas de cariz específico encontram-se ligadas à terminologia. Como observa Rogers (2015), "terminology, whilst being in many ways the most salient marker of LSP texts, is by no means the only one [...] LSP texts always have a communicative purpose which is situated in a particular socio-cultural context" (p. 31). Isto significa que as LSP não se limitam à terminologia técnica, mas incluem também géneros textuais estabilizados, estruturas frásicas densas e uma orientação pragmática e cultural. Exemplos disso encontram-se em áreas como a medicina, através de bulas e relatórios clínicos; no direito, com contratos e sentenças; ou na engenharia, em manuais técnicos e normas de segurança. Assim, as LSP constituem extensões da língua comum, adaptadas às necessidades comunicativas de comunidades especializadas, exigindo do tradutor não apenas rigor terminológico, mas também um domínio das convenções discursivas e dos contextos socioculturais em que estes textos circulam.

Rogers (2015) complementa esta perspectiva ao destacar que a linguagem especializada não se reduz a meras listas de termos, mas inclui também elementos pragmáticos, retóricos e contextuais, sendo necessário "to study text types, particular language pairs, and discourse features" (p. 2). Numa das suas obras fundamentais sobre terminologia, Cabré (1999) chega mesmo a definir línguas de especialidade como "a sublanguage of what is known as natural language" (p. 61), explicando que são códigos linguísticos próprios que diferem da língua geral.

A autora elabora uma listagem de características que uma língua de especialidade deve possuir: são objeto de um processo de aprendizagem específico, os seus utilizadores são especialistas de uma determinada área temática, a sua comunicação é formal e ocorre em instâncias de cariz profissional ou científico, partilham algumas particularidades baseadas na língua e na pragmática, partilham aspetos da língua natural generalizada, mas têm um uso de convenções específico (Cabré, 1999, pp. 65-66).

A interdisciplinaridade é outro traço fundamental. A tradução especializada, em resposta à crescente complexidade dos textos contemporâneos, integra saberes provenientes da linguística cognitiva, da análise do discurso, da representação do conhecimento, da socioterminologia e até da inteligência artificial (p. 3). Este alargamento disciplinar conduz à necessidade de um conhecimento aprofundado do domínio de especialidade e das suas convenções

discursivas. Da mesma forma, os textos especializados estão intimamente ligados ao seu propósito comunicativo e ao contexto sociocultural em que circulam.

Um exemplo claro é a padronização de tipologias textuais específicas, que regulam tanto a forma como o conteúdo. Rogers (2015) explica que “LSP texts always have a communicative purpose which is situated in a particular socio-cultural context” (p. 31), o que implica que textos como relatórios técnicos, bulas de medicamentos ou manuais de instruções seguem formatos pré-estabelecidos e reconhecíveis pelos seus utilizadores.

Outro traço característico deste tipo de texto e tradução é a prevalência de estruturas frásicas condensadas, muitas vezes materializadas em longos sintagmas nominais. Rogers (2015) observa que “nominal style is frequent in scientific writing, where complex noun phrases condense information and reflect the underlying conceptual structures” (p. 5).

Também a objetividade e impessoalidade surgem como convenções recorrentes. Segundo Rogers (2015), os textos especializados tendem a evitar marcas de subjetividade, optando por construções passivas e formulações que privilegiam a informação em detrimento da voz do autor.

Finalmente, a autora destaca ainda que tais convenções não são neutras, já que “specialised discourse is shaped not only by disciplinary

knowledge but also by pragmatic and cultural factors” (Rogers, 2015, p. 7).

Também se evidencia uma forte orientação funcional e pragmática, uma vez que os textos especializados têm, na sua maioria, finalidades informativas ou operativas. Conforme a autora aponta (Rogers 2015), embora estes textos tendam a adaptar-se às convenções da cultura-alvo, “their complexity is manifest in the need to cope with constantly updated terminology, legal constraints, editorial guidelines, space restrictions, and safety issues” (p. 7). Isto é particularmente visível na tradução de bulas de medicamentos, documentação técnica ou rótulos de produtos, onde o erro pode ter consequências graves, como um paciente tomar a dose errada de um medicamento, o que pode causar efeitos colaterais graves ou até uma overdose; um técnico interpretar incorretamente instruções de um equipamento, levando a falhas operacionais ou acidentes; ou consumidores utilizarem um produto de forma inadequada, provocando intoxicações, reações alérgicas ou danos à saúde.

Além disso, a tradução especializada distingue-se por um conjunto de características que a diferenciam significativamente da tradução literária, nomeadamente no que respeita à natureza da sua prática e ao papel do tradutor. Em contextos técnicos, científicos ou médicos, a tradução raramente é um esforço isolado; pelo contrário, caracteriza-se por uma colaboração interprofissional, envolvendo especialistas das áreas em questão, revisores e, por vezes, equipas

lideradas por um gestor de projetos. Esta interação constante garante que o texto final não só respeita a terminologia e os padrões técnicos, como também minimiza riscos de interpretação errada, conforme já mencionados.

Paralelamente, e de forma bastante marcante, o tradutor especializado mantém uma presença quase invisível na obra traduzida. Diferentemente da tradução literária, em que a visibilidade do tradutor pode ser acentuada e até celebrada — assumindo-se como mediador criativo entre culturas e estilos literários e frequentemente com inclusão do seu nome na ficha técnica e até na capa —, na tradução especializada o sucesso do trabalho é medido pela sua transparência: o leitor final não deve notar a intervenção do tradutor, devendo o texto traduzido apresentar-se com total fluidez e conformidade com as normas disciplinares da área em questão. Esta invisibilidade, que remete para a leitura de Venuti (1995), reflete não uma menor valorização do tradutor, mas antes a natureza pragmática e instrumental do seu trabalho, em que a precisão, a coerência terminológica e a fiabilidade da informação assumem prioridade sobre a expressão individual do tradutor.

Em suma, a tradução especializada articula-se como um domínio em que a colaboração interprofissional e a invisibilidade do tradutor constituem traços estruturais fundamentais, destacando-se pela exigência de rigor, pela atenção meticulosa à terminologia e pelo compromisso com a segurança e eficácia comunicativa do texto

traduzido. Este enquadramento evidencia a complexidade da tradução especializada, colocando-a como uma prática própria de tradução, cuja relevância social e científica transcende a dimensão meramente linguística, e reforça a necessidade de formação especializada e contínua dos profissionais que nela operam.

Rogers (2015) nota que “specialised texts are frequently produced collaboratively and subject to multiple revisions before publication” (p. 7), o que reforça a natureza coletiva e orientada para a funcionalidade deste tipo de tradução.

Outro requisito essencial prende-se com o controlo de qualidade, que implica a verificação sistemática de aspetos como terminologia, gramática, estilo e formatação, de modo a assegurar a conformidade com as especificações do cliente (Silveiro, 2019). Assim, a revisão surge como etapa obrigatória, devendo ser realizada por profissionais distintos do tradutor, para “verificar a coerência terminológica, o registo e o estilo através da comparação entre o texto de partida e o texto de chegada” (p. 30).

Capítulo 2 – O Inglês para a Aviação

Em 1997, David Crystal publicou a obra *English as a global language*, uma monografia de cariz académico que, porém, espelhava a realidade pressentida há algumas décadas. A língua inglesa tornara-se uma língua global, com representatividade em todo o mundo. Na opinião deste autor, isto deve-se a uma variedade de fatores, sendo um deles o facto de a língua ser usada por falantes nativos de outras línguas enquanto possuidora de um papel especial e largamente reconhecido. Outro fator que contribui para estatuto global foi o inglês ter-se tornado uma prioridade no ensino de línguas estrangeiras em diversos países. Crystal (1997) exemplifica com a Argélia, antigo território sob domínio francês, que em 1996 adotou o inglês como principal língua estrangeira de ensino. Para o académico “there is great variation in the reasons for choosing a particular language as a favoured foreign language: they include historical tradition, political expediency, and the desire for commercial, cultural or technological contact” (p. 5).

Acrescenta ainda que “a language has traditionally become an international language for one chief reason: the power of its people – especially their political and military power” (p. 9). A par do inglês, outro exemplo desta afirmação é o latim no tempo do Império Romano. Conclui Crystal (1997) que, no século XX, este crescimento do inglês se deve sobretudo ao facto de os EUA terem passado a constituir um centro de poder através da sua ação económica, destacando que “the

language behind US dollar was English” (p. 10). O autor refere ainda que a necessidade crescente de comunicação entre diferentes comunidades conduziu à solução de introduzir uma língua franca a fim de suprir essa lacuna. Assim, esta necessidade de uma língua franca fortificou-se, segundo Crystal (1997), a partir dos anos 50 do século passado, com a criação de organismos supranacionais como a ONU, UNESCO e UNICEF, entre outros.

A Infopédia define língua franca como “língua que serve de idioma comum a falantes de línguas diferentes”¹. No caso do inglês, Seidlhofer (2011) afirma tratar-se de “any use of English among speakers of different first languages for whom English is the communicative medium of choice” (p. 7). A autora acrescenta que

for the first time in history, a language has reached truly global dimensions, across continents, domains, and social strata, and as a consequence, it is being shaped in its international uses, at least as much by its non-native speakers as its native speakers. (p. 8)

Pareceu-me relevante esta reflexão, ainda que breve, no início deste capítulo que se vai centrar numa língua de especialidade, o inglês

¹ língua – no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lingua> [visualizado em 2025-10-17 16:28:26]

para aviação, uma forma de comunicação que também decorre da globalização do inglês e do seu papel enquanto língua franca da contemporaneidade.

2.1 Aviation English enquanto Língua Franca

O Inglês da Aviação, também conhecido como *Aircraft English*, configura-se como uma variedade linguística especializada e regulada, cujo objetivo central é assegurar a clareza, eficiência e segurança na comunicação entre pilotos e controladores de tráfego aéreo. Dada a profusão de conceitos como língua de especialidade, língua para fins específicos e até língua franca, Estival et al (2018) questionam se o inglês é uma língua franca da aviação ou se a linguagem usada entre controladores aéreos e pilotos é um registo semelhante ao discurso jurídico ou médico. A resposta mais clara a estas questões, é, de acordo com os próprios autores, que “Aviation English is more complex than we had initially thought” (p. xiv), podendo ser conceptualizado de uma variedade de perspetivas.

Estes autores explicitam que a comunicação em contexto de aviação é “a very restricted variety of English (...) which has been designed for this purpose” (Estival, et al, 2018, p. 1). No seu entender, esta variedade é diferente de outras, porque, na sua origem, encontra-se regulamentação específica, políticas empresariais diversificadas de companhias aéreas, escolas de pilotagem ou empresas de

manutenção. Concluem, portanto, “this makes Aviation English different from other varieties of English for specific purposes, in that it is mandated by law and heavily regulated” (Estival, et al., 2018, p. 2). Seguidamente, os autores definem o uso particular do inglês para a aviação como

covering not only communications which involve ‘standard phraseology’ – a prescribed, highly constrained set of phrases to be used insofar as possible in all radiotelephonic communications between controllers and pilots – but also communications which involve the use of natural English or ‘plain language’ to be used in aviation situations where the standard phraseology is either non-existent or insufficient.
(p. 2)

Esta forma de inglês técnico evoluiu não apenas como uma resposta às necessidades operacionais da aviação, mas também como um reflexo das transformações geopolíticas e tecnológicas do setor aeronáutico ao longo do século XX.

Em 2004, a ICAO (Organização da Aviação Civil Internacional) publicou o *Manual on the Implementation of the ICAO Language Proficiency Requirements*, um documento que estabelece requisitos de proficiência linguística a exigir e implementar globalmente e que surgiu na sequência de uma reunião de assembleia geral do organismo, realizada em 1998, em que se analisaram diversos dados referentes a

acidentes ocorridos na aviação e que indicaram a comunicação deficiente entre pilotos e controladores aéreos como um dos maiores desafios da aviação, sobretudo quando não existia a partilha de uma língua comum. Um exemplo paradigmático desta situação é o acidente ocorrido com dois aviões Boeing 747 (da KLM e da Pan American) que colidiram na pista do aeroporto de Tenerife causando 583 mortes, devido a uma falha de comunicação em língua inglesa (Estival et al, 2018)².

Na sequência da publicação do manual referido, implementaram-se níveis mínimos de proficiência linguística que contribuem diretamente para a certificação de profissionais da aviação e, em 2011, foi criado um departamento intitulado *Aviation English Language Test Service*, que certifica a qualidade dos exames de inglês criados para pilotos, controladores aéreos e outro pessoal da aviação, que passam assim a ser "ICAO recognized" (Estival, et al, 2018, p. 77).

Porém, o inglês nem sempre foi a língua preferida do mundo da aviação. Historicamente, o francês dominava os primórdios da aviação como língua das primeiras publicações técnicas – com termos como *hélicoptère* e *avion* –, mas a ascensão dos Estados Unidos como potência aeronáutica, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, levou à consagração do inglês como língua franca da aviação. Segundo Bocorny (2011), "durante o período inicial da história da linguagem da aviação, é indiscutível o papel da língua francesa como principal fonte

² O acidente aparece explicado em <https://www.britannica.com/event/Tenerife-airport-disaster>.

de termos dessa nova área de especialidade [...] *Hélicoptère* é cunhado em 1861, enquanto *avion* surge apenas em 1891” (p. 965). Isto deveu-se ao facto de Clément Ader (1841-1925), pioneiro da aviação, ser de origem francesa. Mais tarde,

os argumentos a favor de uma língua franca para a aviação tornam-se cada vez mais óbvios, e parece óbvio, também, que a língua escolhida seja o inglês, uma vez que tanto os líderes aliados quanto os principais fabricantes de aeronaves e a maioria dos pilotos do pós-guerra falam tal idioma. A escolha do inglês passa pela criação da ICAO, em 1944 (Bocorny, 2011, p. 968-969).

A criação da ICAO, entidade já mencionada, formalizou este estatuto ao tornar o inglês obrigatório nas comunicações entre tripulações de nacionalidades distintas. Como estabelece o Anexo 10 da Convenção da ICAO, “the air-ground radiotelephony communications shall be conducted in the language normally used by the station on the ground or in the English language” (ICAO, 2010, p. 5). De forma complementar, o referido Manual para Implementação dos Requisitos de Proficiência Linguística reforça que

English must be made available by air traffic controllers of airports and routes used by international air services. Pilots flying those routes and into those stations have the option

of using either the language of the ground [...] or English (ICAO, 2010, p. 61).

Conforme descrito por Estival et al (2018), o Inglês da Aviação é uma “variedade linguística híbrida”: combina elementos de uma língua para fins específicos (ESP), de uma língua franca e de um registo técnico standardizado (p. 23). Sublinha-se ainda que esta língua, mesmo sendo baseada no inglês, deve ser aprendida inclusive pelos falantes nativos:

it could be argued that Aviation English has no native speakers, in that it is a speech variety that must be learned even by native speakers of English. In that respect, it would fit the original meaning of ‘lingua franca’, a language used by speakers who have no common language (p. 2).

A fraseologia da ICAO, com comandos e respostas rigidamente estruturados, visa minimizar ambiguidades e maximizar a previsibilidade da comunicação no contexto da aviação. No entanto, como enfatizam Estival et al (2018) esta estrutura rígida revela-se insuficiente em contextos não rotineiros ou de emergência. Nestes casos, torna-se essencial recorrer ao *plain English* (inglês claro), o que requer uma elevada competência comunicativa por parte dos interlocutores – tanto nativos como não nativos (Estival et al, 2018).

Esta constatação reforça o princípio de que a proficiência linguística em aviação não é apenas uma questão de fluência, mas uma

responsabilidade partilhada: espera-se dos falantes nativos que adaptem a sua comunicação para garantir inteligibilidade, promovendo assim uma comunicação mais eficaz e segura (p. 49).

A análise de acidentes aeronáuticos, como o caso do voo Avianca 052, demonstra o impacto dramático que as falhas linguísticas podem ter na segurança operacional. A ineficácia na declaração de emergência, no dia 25 de janeiro de 1990, aliada à má interpretação de mensagens críticas, contribuiu diretamente para o desfecho trágico do voo, com 74 mortes. Fatores como ruído, fadiga, sobrecarga de trabalho e diferenças culturais podem intensificar os riscos comunicacionais em ambientes de alto desempenho como o *cockpit* e a torre de controlo.³

Do ponto de vista pedagógico, o ensino do Inglês da Aviação evoluiu de práticas empíricas para programas estruturados de ESP (Inglês para Fins Específicos), com enfoque na fraseologia, terminologia técnica e na leitura de manuais aeronáuticos. No contexto português, por exemplo, instituições como a Força Aérea Portuguesa desempenham um papel crucial nesta formação. A tradução especializada, tanto de manuais como de comunicação operacional, revela-se essencial para garantir a formação eficaz de profissionais. Como argumenta Bîrsan (2024), no contexto militar, o ensino por meio da tradução temática promove o domínio lexical, a consciência de

³ A situação encontra-se detalhada em https://www.faa.gov/lessons_learned/transport_airplane/accidents/AVA052.

registos e a equivalência funcional. A metodologia baseada em textos autênticos e exercícios contrastivos pode ser adaptada ao ensino do Inglês da Aviação, especialmente na distinção entre fraseologia e linguagem espontânea.

O Inglês da Aviação é atualmente uma ferramenta indispensável para a aviação internacional, cujo estatuto de língua franca vai muito além da simples escolha linguística: trata-se de uma construção funcional, técnica e pedagógica ao serviço da segurança e eficácia das operações aéreas globais, conforme a literatura descreve. A sua aprendizagem e uso exigem rigor terminológico, consciência intercultural e adaptação às exigências específicas da comunicação aeronáutica. Como tal, compreender, ensinar e traduzir o Inglês da Aviação é, simultaneamente, um desafio linguístico e uma responsabilidade operacional. Deste modo, a análise do Inglês da Aviação enquanto língua franca funcional, técnica e pedagógica encontra materialização prática no estágio realizado na Ataxis (Sevilha), pertencente ao grupo Airbus. As atividades desenvolvidas — nomeadamente a tradução simultânea de conteúdos formativos dirigidos a pilotos e *mission system operators*, a tradução de exames destinados à avaliação da aptidão dos formandos e a tradução de simulações de voo envolvendo comunicações entre torre de controlo e pilotos — evidenciam que a mediação linguística no setor aeronáutico constitui uma componente essencial do próprio processo formativo e operacional. Assim, a experiência de estágio confirma empiricamente

que compreender, ensinar e traduzir o Inglês da Aviação transcende a dimensão meramente linguística, assumindo-se como uma responsabilidade pedagógica e operacional diretamente vinculada à segurança e eficácia das operações aéreas.

2.2 Fraseologia Padrão

No contexto do Inglês de Aviação, o uso de uma fraseologia padronizada é fundamental, pois constitui um código linguístico desenvolvido para garantir comunicações precisas entre pilotos e controladores de tráfego aéreo (ATC). Segundo Estival et al (2018), "Aviation English is a spoken variety of English" e a fraseologia padronizada é "the product of decades of education, learning from incidents and accidents" (p. 5), o que confirma o seu caráter codificado, diria até global. Como acrescenta Bocorny, "a linguagem padronizada passa a ser um sinônimo de segurança" (p. 19), reforçando a função de reduzir eventuais mal-entendidos. Do mesmo modo, o Doc 9835 da ICAO define a radiotelefonia aeronáutica como composta por "ICAO standardized phraseology and the use of plain language" (p. 32), evidenciando que a comunicação falada é o canal central de coordenação.

A padronização da linguagem aeronáutica decorre da necessidade de uniformização terminológica num ambiente altamente técnico e internacionalizado. Na sua análise, Bocorny (2011) observa que já se encontra documentada na literatura especializada uma "linguagem baseada na língua inglesa, com um vocabulário restrito de

aproximadamente 800 palavras a serem empregadas nas comunicações radiotelefônicas (p. 971)". Esta referência evidencia a preocupação central da aviação civil em limitar o leque lexical utilizado, de modo a garantir que a comunicação entre pilotos e controladores de tráfego aéreo seja clara, eficiente e inequívoca. Segundo a autora, a padronização da linguagem permite que "problemas de interpretação e ambiguidades sejam minimizados, favorecendo a segurança operacional" (p. 971), reforçando que a seleção cuidadosa de termos e expressões é essencial para reduzir erros em situações críticas.

Bocorny (2011) reforça, mais adiante, que a fraseologia aeronáutica, também chamada genericamente de fraseologia, dentro do contexto da aviação, significa um conjunto de frases-padrão que devem ser usadas durante a comunicação radiotelefônica entre o piloto e o controlador de voo. Esta utilização de frases-padrão, combinada com respostas convencionadas e vocabulário limitado, assegura que a intenção comunicativa seja identificada rapidamente, mesmo sob condições adversas, como ruído elevado ou situações de stress operacional.

A eficiência da fraseologia decorre não apenas da sua previsibilidade, mas também da familiaridade dos interlocutores com os protocolos de comunicação. No entanto, esta dependência de fórmulas pré-definidas também apresenta limitações importantes, sobretudo em situações não rotineiras ou de emergência.

Segundo a ICAO (Organização da Aviação Civil Internacional), os níveis mínimos de proficiência em inglês para pilotos e controladores de tráfego aéreo são estabelecidos para garantir comunicações seguras e eficazes. A ICAO define seis níveis de proficiência linguística, numerados de 1 a 6, com nível 4 (Operacional) como requisito mínimo obrigatório para operações internacionais. Também existem critérios que avaliam não apenas o conhecimento da fraseologia, como a capacidade de improvisar comunicação funcional em inglês claro (*Manual on the Implementation of ICAO Language Proficiency Requirements*). No campo pedagógico, o ensino da fraseologia evoluiu de práticas informais para programas estruturados de ensino de Inglês para Fins Específicos. Como descrito no estudo *Panorama dos estudos sobre a linguagem de aviação*, os primeiros cursos baseavam-se em traduções feitas por pilotos, mas rapidamente evoluíram para modelos formais, com foco na leitura de manuais, simulações de comunicação ATC e uso da fraseologia normativa (p. 4).

2.3 A Clareza e Precisão na Comunicação da Aviação

A comunicação entre pilotos e controladores de tráfego aéreo constitui um dos pilares da segurança operacional da aviação. Neste domínio altamente regulado e globalizado, a clareza e a precisão linguística são elementos essenciais para evitar erros, garantir a eficácia das instruções e responder adequadamente a situações de emergência. Tal como sublinham Estival et al (2018), “in aviation, what is said must be understood exactly as intended – the consequences of misunderstanding can be fatal” (p. 42), um exemplo de estabelecimento de clareza para o mundo da aviação é o alfabeto da ICAO, constante na Figura 1.



Figura 1 – O alfabeto que a ICAO propõe para uso corrente na aviação.


Pude comprovar a importância desta precisão durante o meu estágio na empresa Atexis, onde desempenhei tarefas de tradução relacionadas com documentação e comunicações no setor da aviação. A ICAO (2010) recomenda que os falantes nativos de inglês, que trabalham na aviação, evitem construções linguísticas complexas ou pouco usuais, "Native and other expert users of English should refrain from the use of idioms, colloquialisms, and other jargon in radiotelephony communications and should modulate their rate of delivery." (ICAO, 2010, Doc 9835, p. 3); "Native speakers must ensure that their variety of English is comprehensible to the international aeronautical community." (p. 5), e por fim, "Plain language should be specific, explicit, and direct." (p. 14). Esta orientação assenta na premissa de que a comunicação eficaz depende tanto da articulação correta como da escuta ativa e da empatia linguística.

Estival et al (2018) sublinham que "even a linguistically correct message can be misinterpreted if issued in a noisy environment or under extreme pressure." (p. 42). Conforme abordado por Bocorny (2011), os programas modernos de formação linguística incorporam não apenas o treino de fraseologia, mas também exercícios de simulação realista, interpretação de situações de stress e desenvolvimento da competência comunicativa funcional (p. 4).

A experiência relatada por Bîrsan (2024) no contexto aeronáutico militar reforça esta abordagem, mostrando que o uso de tradução

temática e de textos autênticos permite aos alunos não apenas memorizar terminologia, mas também compreender como e quando usá-la com clareza e precisão, distinguindo registos e identificando armadilhas semânticas (p. 3).

Dada a proliferação do inglês de aviação pelo mundo, bem como as exigências da ICAO, contata-se a existência de inúmeros manuais para quem aprende a variedade linguística. Tendo consultado o *English for Aviation for Pilots and Air Traffic Controllers*, publicado pela Oxford University Press em 2008, verifiquei a conjugação de ensino do inglês com o foco na fraseologia padrão da aviação. Um exemplo disso é o exercício de compreensão auditiva da Figura 2.

AUDIO  13

15 Listen to the ATIS broadcast. Complete the form.

Airport _____ 1

ATIS information identifier letter _____ 2

Time of report _____ 3

Wind direction/speed _____ 4

Visibility _____ 5

Ceiling _____ 6

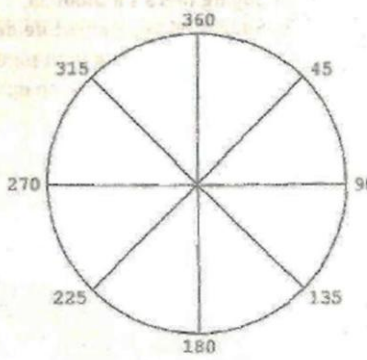
Temperature _____ 7

Dew point _____ 8

QNH _____ 9

Instrument approach and runways in use _____ 10

NOTAMS _____ 11



Sketch wind direction

Figura 2 - Exemplo de exercício retirado do manual *English for Aviation for Pilots and Air Traffic Controllers*

A forma como o manual aborda o vocabulário típico da aviação pode constatar-se ainda na Figura 3.

VOCABULARY

16 The Airbus 320 has stopped on the runway. Work with a partner to give as many reasons as possible why planes may stop.

- 1 Technical problem such as _____ .
- 2 Human factors such as _____ .
- 3 Weather conditions such as _____ .
- 4 Emergencies such as _____ .
- 5 Other causes such as _____ .

Put these problems in the categories above.

- break-down • fuel spillage • de-icing • malfunction • mechanical problems
- unruly passengers • engine failure • engine stall and surge • jammed doors
- being stuck in the mud • collisions • sick passengers • sick pilot • flash flooding
- heavy snowfall • poor visibility • engine on fire • police/customs control
- medical emergency • blocked runway • runway incursion • industrial action
- lost luggage • terrorism • animal on the runway

Figura 3 - Exemplo de exercício retirado do manual *English for Aviation for Pilots and Air Traffic Controllers*

Pode mencionar-se que os esforços linguísticos da ICAO, para tornar o inglês de aviação uma língua de especialidade que tanto falantes nativos de inglês como falantes não nativos dominem, foram relevantes no mundo da aviação, contribuindo para uma comunicação mais padronizada e com reflexos positivos na redução de acidentes.

Capítulo 3 – A confidencialidade e a Confiança na Tradução

A confidencialidade, enquanto dever ético e legal, é central à prática profissional da tradução. O Código Ético e Deontológico da APTRAD (2025) é explícito ao afirmar que "o dever de sigilo é essencial e abrange toda a informação a que o tradutor ou intérprete tenha acesso no decurso da sua atividade profissional" (pp. 2-3). Este dever estende-se a dados fornecidos por clientes, colegas ou resultantes de funções exercidas na associação profissional, subsistindo mesmo após a conclusão do serviço.

“O Tradutor abriga-se a manter total e absoluto sigilo sobre toda e qualquer espécie de trabalho efetuado.” – Este dever está expresso no Artigo 12.º do Código Deontológico da APT (Associação Portuguesa de Tradutores) e as empresas-membro da APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução) seguem a indicação de que “devem guardar sigilo profissional.” Este dever de sigilo consta de forma clara no item “9.” das normas do Código Deontológico da APET disponível online.

Naturalmente, a confidencialidade tem como base o princípio da integridade, que exige do tradutor não apenas o cumprimento das regras profissionais, mas também a recusa de tarefas que possam comprometer a dignidade da profissão (APTRAD, 2025, p. 2), como por exemplo, aceitar traduzir um documento com conteúdo deliberadamente enganoso ou fraudulento, como falsificação de

qualificações acadêmicas, manipulação de informação financeira ou contratos que visem ludibriar terceiros.

A confidencialidade, portanto, não é um ato passivo de silêncio, mas uma prática ativa de proteção da informação, da confiança do cliente e da reputação do próprio profissional. A confiança, por sua vez, manifesta-se de forma mais complexa e dinâmica, sendo especialmente relevante em contextos de emergência ou vulnerabilidade. Caldwell (2020) analisou o papel da tradução durante o Grande Sismo do Leste do Japão (2011), especialmente na gestão de informação em contexto de crise. O estudo envolveu entrevistas e inquéritos a residentes afetados, que necessitaram de informação em línguas diferentes do japonês.

Os inquiridos reportaram confiar mais em traduções feitas por pessoas próximas – amigos, colegas ou conterrâneos – do que em tradutores institucionais ou anónimos. Esta confiança assenta menos em afinidades linguísticas ou culturais genéricas, e mais no chamado “personal common ground”, (O’Brien, S., & Federici, F. M, 2020), ou seja, relações interpessoais previamente estabelecidas. Importa sublinhar que a confiança não se dirige apenas à tradução em si, mas também à fonte original da informação e à credibilidade do tradutor ou entidade tradutora. Em cenários de crise, como demonstrado no mesmo estudo, esta duplicidade de fontes torna-se um desafio acrescido, exacerbando a vulnerabilidade dos recetores que não dominam a língua local (O’Brien & Federici, 2020, p. 10). Este

entrelaçamento entre confidencialidade e confiança exige uma preparação ética e técnica robusta dos tradutores. Por exemplo, o Código da APTRAD recomenda que o profissional mantenha atualizadas as suas competências, realize pesquisa rigorosa e recuse condições de trabalho que comprometam a qualidade exigida (p. 3). Neste quadro de situações de emergências, os princípios éticos não se esgotam na fidelidade textual, mas alargam-se à responsabilidade para com a segurança e bem-estar dos recetores da mensagem, especialmente em situações de risco. Isto requer tradutores capazes de atuar como mediadores de confiança, conscientes do impacto das suas escolhas de tradução. Num mundo crescentemente tecnificado, a confiança é também desafiada pelas ferramentas de tradução automática.

A reflexão de Chesterman (1997) em *Memes of Translation* continua a ser uma referência incontornável para a compreensão das normas e valores que regem a profissão de tradutor. Entre as chamadas “normas profissionais”, destaca-se a norma de *accountability*, que define a responsabilidade ética do tradutor perante todos os intervenientes no processo de comunicação intercultural. Como afirma o autor, “The accountability norm states that translators act in such a way as to remain loyal to the ST authors, the translation commissioners, translators themselves, the prospective readership and other relevant parties” (Chesterman, 1997, p. 64). A lealdade e a responsabilidade são, portanto, valores centrais que sustentam a

confiança depositada no tradutor, constituindo a base de qualquer prática profissional credível.

Embora Chesterman (1997) não explore de forma sistemática o conceito de confidencialidade, este decorre logicamente da sua proposta normativa. A confidencialidade pode ser entendida como uma extensão prática da confiança e da lealdade: proteger a informação sensível do cliente, não a utilizar em benefício próprio e respeitar os limites impostos pelo contexto profissional. Anos mais tarde, Chesterman viria a explicitar esta dimensão ao propor o denominado Juramento de S. Jerónimo, no qual o tradutor se compromete, entre outros aspetos, a “respect clients’ professional secrets and not to exploit client’s information for personal gain” (Chesterman, 2001, p. 151). Tal formulação torna claro que a proteção de dados e de segredos profissionais não é apenas um dever contratual, mas um imperativo ético que reforça a confiança da sociedade na profissão.

Na contemporaneidade, a confiança e a confidencialidade na tradução enfrentam novos desafios e redefinições, em grande parte motivados pelo avanço tecnológico. A generalização do uso de ferramentas de tradução assistida por computador, sistemas de tradução automática baseados em inteligência artificial e plataformas colaborativas em nuvem trouxe benefícios inegáveis em termos de produtividade e consistência. Contudo, estes progressos colocam igualmente questões críticas relacionadas com a segurança da informação. Documentos confidenciais inseridos em sistemas

automáticos online podem ser armazenados em servidores externos, potencialmente acessíveis a terceiros, levantando dúvidas legítimas quanto à proteção de dados e ao cumprimento das normas de confidencialidade.

Neste contexto, a norma de *accountability* de Chesterman adquire renovada pertinência. A lealdade ao cliente e aos leitores implica que o tradutor seja transparente relativamente às ferramentas que utiliza, avalie cuidadosamente os riscos associados ao tratamento digital de informação sensível e, quando necessário, opte por alternativas mais seguras. A confiança já não depende apenas da competência linguística e cultural, mas também da capacidade do tradutor em gerir tecnologias de forma ética e responsável. Como sublinha Chesterman (1997), a tradução assenta em valores universais como “truth, clarity, understanding, and trust” (1997, p. 68), e estes valores devem ser continuamente reinterpretados à luz das transformações sociais e tecnológicas. Na última década, o conceito de confiança em estudos de tradução tem assumido importância, sendo investigado em diversos contextos. A revista científica *Translation Studies* publicou este ano um volume temático organizado por Hu, Valdez e Ragni, intitulado “(De)constructing trust in high-stakes intercultural communication: theoretical, methodological and practical challenges”, evidenciando uma tendência investigadora do conceito de *trust*.

No entender das investigadoras, é fundamental revisitar a confiança no contexto do diálogo e cooperação entre línguas e culturas (Hu, et al, 2025). Para elas, “trust is a critical factor in intercultural mediation” (p. 174), que reside na rede de atuação do tradutor, nomeadamente em relação aos seus clientes, leitores, autores, editores.

Senti a necessidade de abordar a temática da confiança tradutória por ela estar muito ligada à minha experiência prática na empresa Atexis, onde estagiei. Confiar num piloto é uma constatação óbvia e, no meu caso em concreto, pude perceber que a confiança depositada no meu trabalho de tradutor foi igualmente plena. Ao ler a frase “trust characterises the relational conditions necessary for cooperation among different agents, facilitating mutual benefit between parties in translational communication” (Hu, et al., 2025, p. 174), consigo rever-me, bem como à posição que ocupei no decurso do estágio.

Por seu lado, Pym (2020) explica que a confiança existe não só baseada nas competências do tradutor, mas sobretudo na vontade de aceitar a tradução como fiel, isto é, nas expectativas normativas da profissão de tradutor. Algumas características que Pym (2025) considera relevantes para que exista a confiança tradutória são a familiaridade nas relações, a repetibilidade de tarefas, a formação do tradutor.

O mesmo autor refere ainda que, a fim de existir confiança tradutória, é necessário que as várias partes de um processo confiem no tradutor, mencionando que, numa época em que as tecnologias de apoio às línguas e à tradução estão tão avançadas, a questão da confiança é muito atual e deve ser debatida (Pym, 2025). Sobre a tradução realizada por ferramentas de Inteligência Artificial generativa, Pym (2025) explicita que, devido à crescente qualidade, a confiança vai aumentar.

Ressalta desta reflexão que a confiança na tradução pode afirmar-se que a evolução da profissão de tradutor exige hoje uma dupla competência: por um lado, a tradicional fidelidade aos textos e aos seus agentes, e, por outro, uma literacia tecnológica que permita salvaguardar a confidencialidade em ambientes digitais complexos. A confiança na tradução e no tradutor, longe de ser um dado adquirido, constrói-se diariamente através de escolhas conscientes, guiadas pelos princípios que Chesterman identificou há quase três décadas e que permanecem extraordinariamente atuais.

PARTE II – ESTÁGIO

Capítulo 4 – O Estágio

No âmbito do mestrado de tradução na unidade curricular de dissertação/projeto/estágio e relatório, optei por esta última modalidade, por entender que seria o mais adequado para quem teve contacto com a prática de tradução aquando da licenciatura e posteriormente estudei tradução a nível de segundo ciclo de estudos. Nesta parte explicarei o funcionamento do estágio, as tarefas desenvolvidas e as aprendizagens adquiridas.

4.1 Instituição de Acolhimento

No âmbito do meu estágio profissional de mestrado, tive a oportunidade de integrar a equipa da Atexis, uma empresa internacional de referência na área da engenharia técnica, comunicação técnica e suporte da área de aviação ao cliente. Este estágio decorreu na filial da empresa localizada em Sevilha, Espanha, onde fui acolhido com elevado profissionalismo, espírito colaborativo e um rigor técnico notável por parte de toda a equipa.

A Atexis integra o grupo ALTEN, um dos maiores conglomerados europeus no setor da engenharia e das tecnologias da informação. Este grupo, amplamente reconhecido no setor industrial, tem uma ligação direta com empresas de aviação de renome como a Airbus, estando presente em vários países e contando com mais de 4 000 colaboradores especializados na produção de documentação técnica, formação operacional, suporte técnico e assistência pós-venda. A Atexis presta serviços especializados a clientes internacionais,

especialmente nos setores da aeronáutica, defesa, transportes e energia (<https://www.atexis.com/>).

O processo que me conduziu até à Atexis teve início com uma pesquisa realizada na plataforma de pesquisa de empregos *Indeed*, onde a empresa surgiu oferecendo uma oportunidade de estágio. Até então desconhecida para mim, a curiosidade levou-me a investigar com maior profundidade a sua atividade, reputação e ligações institucionais. Esta pesquisa revelou não só a credibilidade da organização, como também a sua relevância no setor aeronáutico, fatores decisivos para avançar com a candidatura, cuja oferta pedia um tradutor com conhecimentos de inglês, espanhol e português. O primeiro contacto formal ocorreu através de uma entrevista telefónica, de carácter preliminar e oral, que serviu para expor a minha motivação e perfil académico. Superada essa fase, fui posteriormente convidado para uma entrevista com o responsável de departamento de tradução.

Durante esta segunda etapa, tive a oportunidade de apresentar de forma mais detalhada o meu percurso e as minhas competências, evidenciadas num currículo ainda jovem mas já estruturado, que demonstra consistência formativa e alguma prática. A apreciação positiva do entrevistador relativamente à minha prestação, aliada à confiança transmitida, fez com que, entre vários candidatos, acreditasse nas minhas capacidades e optasse pela minha seleção. A decisão marcou o início de um percurso que viria a consolidar-se como

uma das experiências mais enriquecedoras da minha formação acadêmica e profissional.

A unidade de Sevilha da Atexis assume um papel particularmente relevante no panorama da indústria aeronáutica europeia, dado o seu posicionamento estratégico junto à fábrica da Airbus. Esta proximidade permite à filial colaborar diretamente em projetos de grande complexidade e importância, como o desenvolvimento, manutenção e formação técnica associada a aeronaves como o A400M, o Beluga ou o C295, assim como outros que não podem ser divulgados devido a serem projetos inacabados. O ambiente de trabalho distingue-se por um forte cunho multicultural, pela elevada qualificação técnica das equipas e pela constante procura de excelência nos serviços prestados. Durante o meu período de estágio entre janeiro e março de 2025, desempenhei um conjunto diversificado de funções que exigiram não apenas competências técnicas e linguísticas, mas também uma elevada capacidade de adaptação a contextos operacionais exigentes, frequentemente marcados por prazos apertados e pela necessidade de comunicação eficaz entre diferentes departamentos e culturas organizacionais.

Entre as minhas principais tarefas destacam-se:

- A análise e atualização de documentação técnica relativa a aeronaves em fase de manutenção e produção, em português, inglês e espanhol;

- A colaboração na revisão linguística de manuais técnicos de segurança, protocolos, de estudo e de tutoriais em inglês e espanhol;
- O apoio à formação técnica de operadores e técnicos de manutenção, através da preparação de conteúdos multimédia e suportes didáticos, em português, espanhol e sobretudo, inglês;
- A participação em reuniões de coordenação, desempenhando muitas das vezes o papel de intérprete e tradutor (em simultâneo), com equipas multinacionais, promovendo uma visão integrada e colaborativa dos projetos.

4.2 Regras de Funcionamento do Estágio

No âmbito do estágio profissional de mestrado realizado na Ataxis, em Sevilha, foram estabelecidas e cumpridas um conjunto de regras e diretrizes fundamentais que garantiram o bom funcionamento do estágio, a integração na equipa e o cumprimento dos objetivos académicos e profissionais. Estas regras foram alinhadas com os princípios da empresa e com os requisitos definidos pela instituição de ensino superior de origem.

O estágio decorreu em regime presencial, com um horário regular de segunda a sexta-feira, das 08h00 às 17h30 (por vezes até às 22h00), incluindo uma pausa de 15 minutos para almoço. A pontualidade e a assiduidade foram fatores cruciais, sendo esperado o cumprimento rigoroso dos horários estabelecidos, tanto pela empresa como pela universidade (as horas exigidas). Desde o início do estágio,

foi promovida a integração na cultura organizacional da Atexis. Isto implicou o respeito pelas normas internas da empresa, a adoção de uma postura profissional e colaborativa, e o cumprimento rigoroso das regras de confidencialidade e segurança da informação, sendo um deles a proibição de uso de material tecnológico externo (como telemóveis, computadores, tablets), sendo que a empresa fornecia os equipamentos necessários (regulados pela segurança da empresa) para realizar o trabalho.

Apesar disso, o acesso limitado a material de trabalho constituiu um desafio acrescido, uma vez que nem sempre dispunha de todos os recursos a que estava habituado em contexto académico. Esta limitação dificultou em alguns momentos a fluidez das tarefas, sobretudo quando era necessário realizar consultas rápidas ou recorrer a ferramentas externas. Contudo, consegui ultrapassar estes obstáculos através de uma maior organização pessoal e da criação de estratégias alternativas. Por exemplo, mantive cadernos de notas detalhados com glossários e registos terminológicos que fui construindo ao longo das atividades, o que reduziu a dependência de ferramentas digitais às quais não podia aceder. Recorri igualmente ao diálogo direto com colegas e supervisores para esclarecer dúvidas técnicas, fomentando um ambiente de aprendizagem colaborativa. Além disso, preparei antecipadamente esquemas e resumos em papel, que funcionaram como guias de referência durante a execução das tarefas. Estas adaptações permitiram-me não apenas superar as

dificuldades, mas também desenvolver competências adicionais de autonomia, resiliência e capacidade de resolução de problemas em ambientes restritos.

Ao longo do estágio, fui acompanhado por dois supervisores internos da Atexis (*Mission System Operator*), responsáveis por orientar as minhas tarefas, monitorizar o progresso e fornecer retorno regular. Foram realizadas reuniões periódicas para avaliar o desempenho, identificar dificuldades e propor estratégias de melhoria. Esta supervisão contínua permitiu ajustar o percurso formativo às necessidades do setor, assegurando a relevância e qualidade das atividades desempenhadas.

Esta política estendeu-se também à elaboração de relatórios e apresentações académicas, nos quais foram respeitadas todas as normas de anonimização e proteção de conteúdos sensíveis, incluindo a redação deste relatório.

5. Tarefas Desenvolvidas

Neste capítulo apresentarei as tarefas desenvolvidas ao longo dos três meses de permanência na empresa e que incluíram traduções, traduções à vista e até interpretação em contextos específicos.

5.1 Traduções

Tive a oportunidade de desempenhar funções de tradução em contextos de elevada exigência técnica e confidencialidade, conforme já mencionado. As traduções que me foram atribuídas inseriram-se maioritariamente no domínio da aviação, exigindo não apenas precisão terminológica e rigor linguístico, mas também uma compreensão aprofundada do contexto operacional e das normas de segurança associadas.

Uma parte significativa do trabalho consistiu na tradução de documentação confidencial realizada exclusivamente em suporte papel (à mão), cuja natureza delicada exigiu de mim um estudo prévio e aprofundado antes de avançar para a execução das tarefas. Esta preparação passava, em primeiro lugar, pela leitura atenta de materiais de referência e de documentos semelhantes já traduzidos, de modo a compreender o estilo técnico, a terminologia específica e os padrões de comunicação utilizados pela empresa. Em segundo lugar, recorri a glossários internos e bases terminológicas fornecidas em formato digital pela Atexis, complementando-os com anotações próprias que fui criando à medida que surgiam novos termos ou

expressões técnicas. Finalmente, a análise de manuais e relatórios técnicos previamente aprovados constituiu uma fonte de aprendizagem essencial, permitindo-me garantir consistência terminológica e alinhamento com as convenções estabelecidas pela empresa. Estas tarefas impunham regras rigorosas de segurança: não era permitido o uso de qualquer dispositivo digital — como computadores, tablets ou telemóveis pessoais —, sendo o processo totalmente manual, sob supervisão direta e num ambiente controlado (o que significava que o acesso a determinados *websites* era restrito e a pesquisa na internet monitorizada). Estas traduções incluíam manuais internos, listas operacionais e documentação técnica sensível cuja divulgação externa seria passível de comprometer a segurança operacional da empresa, bem como dos aparelhos de aviação diretamente relacionados. Noutra vertente do estágio, traduzi exames técnicos para pilotos e operadores de sistemas de missão (*mission system operators*), bem como protocolos de segurança aplicados em operações de voo e manutenção, através do daquilo que se designa por *Sight Translation*, isto é, “an oral translation of the written text without pre-reading it ... While sight translating, the interpreter transforms the written text in one language, reads it silently and delivers it orally in another language.” (Krapivkina, 2018, p. 697).

Neste caso, o trabalho foi realizado com recurso a equipamentos informáticos fornecidos pela empresa (computadores, telemóveis, Pen Drive...), num ambiente seguro e sempre de acesso restrito. Estas

traduções exigiam não só o domínio de terminologia aeronáutica específica, mas também uma atenção particular às instruções e às consequências práticas de qualquer erro terminológico ou interpretativo. Tive também a responsabilidade de traduzir manuais de aviação de espanhol para inglês e de inglês para português, tanto relativos a aeronaves reais (como o A400M e o C295), como a simuladores de voo utilizados na formação de tripulações, como o *A400M Full Flight Simulator* (FFS) em Wunstorf (Alemanha) e *Cargo Hold Trainer* (CHT-E) para A400M, sendo possível ver um exemplo de acesso público na Figura 4.

Cockpit Layout

Main Panel



- | | |
|--|--|
| 1. CPT HUD | 10. Integrated Standby Instrument System (ISIS) |
| 2. Landing System (LS) | 11. Landing Gear position indicator |
| 3. EFIS control panel | 12. Engine and Warning Display (E/WD) |
| 4. CPT Master Warning / Caution lights | 13. System/Status Display (SD) |
| 5. Baro ref selector | 14. CPT MFD |
| 6. Radio Management Panel | 15. FO MFD |
| 7. Flight Control Unit (FCU) | 16. Landing Gear Lever |
| 8. PFD & ND Brightness knobs | 17. Ground Spoiler & Auto Brake panel |
| 9. CPT Primary Flight Display (PFD) /
Navigation Display (ND) | 18. E/WD, SD, CAPT MFD & FO MFD Brightness knobs |

Figura 4 - Exemplo de uma figura constante de um manual relativo ao avião A400M.

Estes manuais abrangiam descrições técnicas de sistemas, procedimentos operacionais, instruções de manutenção e guias de utilização, muitos dos quais com impacto direto na segurança e eficiência das operações aéreas. Para além das exigências linguísticas destes textos, sentia também uma responsabilização pessoal grande, por ter consciência de que estes tipos de traduções não permitem margens de erro, que teriam implicação direta na utilização do aparelho em causa. Apresento nos apêndices A a G, índices folhas de rosto de trabalhos desenvolvidos neste âmbito e que foram sempre volumosos e exigentes, também em termos de cumprimentos de prazos.

Participei ainda na tradução de conteúdos formativos multimédia, como apresentações técnicas, módulos de e-learning e vídeos explicativos utilizados em ações de formação internas. No âmbito da tradução dos conteúdos formativos deparei-me com um conjunto de dificuldades que exigiram soluções práticas e metodologicamente fundamentadas. A primeira dificuldade relacionou-se com a terminologia altamente especializada da aviação e da engenharia aeronáutica, frequentemente marcada pelo uso de acrónimos, siglas e nomenclaturas próprias de sistemas de bordo. Muitos destes termos não apresentavam traduções imediatas ou consensuais, o que poderia comprometer a uniformidade e a precisão do material traduzido.

Para superar estas dificuldades, recorri a diversas estratégias. Em primeiro lugar, dediquei especial atenção à preparação prévia,

construindo glossários pessoais com base em documentação técnica previamente traduzida e em materiais internos fornecidos pela Ataxis, no entanto, os glossários tiveram de ficar no portátil fornecido pela empresa por razões de segurança. Esta prática revelou-se fundamental para assegurar a coerência terminológica. Em segundo lugar, realizei uma pesquisa contextual aprofundada em fontes fidedignas, como a documentação oficial da Airbus e os glossários técnicos da ICAO, o que me permitiu confirmar a correção das escolhas terminológicas. A colaboração com especialistas da área — nomeadamente engenheiros e formadores — constituiu igualmente uma estratégia decisiva, já que permitiu esclarecer dúvidas e validar a adequação terminológica em função do contexto operacional real. No plano estilístico, optei por uma adaptação cuidadosa da linguagem, privilegiando frases sinteticamente claras e equivalentes funcionais que garantissem simultaneamente inteligibilidade e fidelidade ao conteúdo original, sobretudo em legendas e suportes multimédia sujeitos a restrições de espaço e tempo.

Neste processo, recorri ainda a um conjunto de ferramentas especializadas. Entre os recursos lexicográficos, destaco o *Oxford Dictionary of Aviation*, o *McGraw-Hill Dictionary of Aviation*, o *Jane's Dictionary of Aviation and Aerospace Terms*, bem como a base terminológica da ICAO, que forneceu um enquadramento normativo essencial. A exatidão das abreviaturas usadas (representadas na Figura 5) era muito importante, pois para um leigo trata-se de uma

abreviatura técnica, mas para quem trabalha na aviação diariamente, constituem gíria profissional de relevo para o quotidiano.

AFCS *abbreviation* automatic flight control system

AFDS *abbreviation* autopilot flight director system

affect /ə'fekt/ *verb* to have an influence on something, or cause a change in something ○ *Humidity and air density are factors which affect the output of the engine. Compare effect*

AFI *abbreviation* assistant flying instructor

AFIC *abbreviation* assistant flying instructor course

AFIS *abbreviation* aerodrome flight information service

AFS *abbreviation* aeronautical fixed service

Figura 5 – Exemplo de entradas de abreviaturas no Dicionário de Aviação da Oxford.

A utilização de memórias de tradução, através da ferramenta SDL Trados Studio, revelou-se útil sempre que o ambiente de trabalho o permitiu, assegurando maior consistência no fluxo de trabalho. Além disso, recorri à base de dados IATE (*Interactive Terminology for Europe*), especialmente relevante em contextos multilingues, e a ferramentas de consulta complementar, como o *Linguee* e o *Reverso Context*, cuja informação foi, no entanto, sempre confirmada em fontes técnicas autorizadas. Em paralelo, tive também a oportunidade de

traduzir correspondência técnica entre departamentos internacionais, uma tarefa que apresentou desafios específicos. Este tipo de tradução exige um equilíbrio entre a precisão terminológica e a naturalidade comunicacional, uma vez que os textos circulavam entre equipas multinacionais e multiculturais. O objetivo principal consistia em assegurar a fluidez comunicacional, evitando mal-entendidos que pudessem comprometer a eficiência das operações ou atrasar processos de manutenção, treino ou certificação. Para tal, foi necessário adaptar o registo linguístico ao contexto da comunicação — mais formal em mensagens dirigidas a instâncias superiores, mais direto e operativo em trocas entre técnicos e engenheiros. Além disso, a diversidade cultural dos interlocutores obrigou-me a privilegiar construções claras, evitando ambiguidades ou expressões idiomáticas próprias do português, para garantir que a mensagem fosse compreendida sem ruído por falantes não nativos.

Assim, tanto a utilização de documentação normativa da Airbus e da EASA (*European Union Aviation Safety Agency*) como a tradução de correspondência técnica entre departamentos revelaram-se dimensões complementares de um mesmo desafio: assegurar a circulação de informação fiável, clara e funcional num ambiente altamente técnico e multicultural. Neste sentido, devo esclarecer que senti sempre o meu trabalho como algo útil e com impacto diário nas diferentes equipas e nos departamentos envolvidos. Penso que,

enquanto estagiário, isso é relevante, demonstrando o nosso valor.

A diversidade de tarefas permitiu-me aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado em Tradução, aprofundar competências específicas em tradução especializada e desenvolver uma postura ética e profissional face a questões de confidencialidade, precisão e adequação terminológica. Esta experiência constituiu um verdadeiro laboratório de prática de tradução em contexto real, onde cada tradução representava não apenas um exercício linguístico, mas um contributo concreto para a segurança, eficácia e fiabilidade das operações da empresa.

5.2 *Sight Translation* em Provas

Uma das tarefas mais exigentes e enriquecedoras que desempenhei ao longo do meu estágio na Atexis foi a realização de *sight translation* (tradução à vista) durante provas técnicas aplicadas a pilotos e operadores de sistemas de missão. Estas sessões de avaliação, com duração aproximada de 60 minutos, consistiam em exames escritos elaborados integralmente em inglês especializado, abrangendo conteúdos altamente técnicos nas áreas da aviação militar, segurança operacional, protocolos de missão e funcionamento de sistemas embarcados.

A minha função, enquanto tradutor, consistia em garantir que todos os formandos, de nacionalidade angolana e britânica, compreendessem de forma clara e precisa cada item do exame,

independentemente do seu grau de proficiência em inglês. Para tal, realizava a tradução oral imediata dos enunciados e questões diretamente do inglês para o português ou espanhol, conforme o idioma de origem dos formandos. Esta prática exigia não apenas fluência trilingue, mas também uma sólida preparação terminológica e a capacidade de improvisar com rigor técnico sob pressão. A preparação para a realização deste tipo de tradução assentou em três eixos principais: terminologia, treino linguístico e simulação de pressão. Primeiramente, organizei glossários trilingues (inglês-português-espanhol) com base em manuais da Airbus, na terminologia da ICAO e em materiais internos da empresa. Isso permitiu garantir consistência terminológica e familiaridade com acrónimos e siglas técnicas.

Em segundo lugar, desenvolvi exercícios regulares de tradução oral imediata a partir de textos técnicos, praticando técnicas de segmentação e antecipação para melhorar a fluência e a memória de trabalho. Gravei no meu telemóvel e revi essas simulações, identificando pontos de melhoria e ajustando o discurso para maior clareza.

Por fim, recriei condições semelhantes às das provas, impondo limites temporais e introduzindo fatores de distração para treinar a concentração sob pressão. Sempre que necessário, recorri a soluções funcionais que assegurassem precisão e inteligibilidade, adaptando o discurso ao perfil dos formandos, conforme explico a seguir.

Durante os exames, mantinha contacto direto com os candidatos, esclarecendo dúvidas linguísticas, terminológicas ou contextuais que surgissem ao longo da avaliação. Isto incluía a explicação de siglas, acrónimos, terminologias, funcionalidades de sistemas de bordo e procedimentos operacionais, muitas vezes associados a contextos específicos de voo, emergência ou manutenção. A tarefa exigia um elevado grau de concentração, discricção e capacidade de comunicação intercultural. O facto de ter anteriormente traduzido manuais ajudou bastante nesta tarefa, tendo, pois, que recorrer à minha memória. Era essencial adaptar a linguagem à realidade dos formandos, respeitando a terminologia especializada sem comprometer a clareza. Em diversos casos, era necessário encontrar equivalentes funcionais que preservassem a intenção original do exame, assegurando simultaneamente a inteligibilidade para o público-alvo. Por exemplo, a sigla ETA (*Estimated Time of Arrival*) era explicada como a hora prevista de chegada da aeronave, diferenciando-a de ETD (*Estimated Time of Departure*). Acrónimos como APU (*Auxiliary Power Unit*) exigiam explicação contextual sobre a sua função prática como sistema auxiliar de fornecimento de energia em solo. Termos técnicos como *fuel jettison* não eram apenas traduzidos como “descarga de combustível”, mas contextualizados no procedimento de emergência correspondente.

Da mesma forma, funcionalidades de sistemas de bordo, como *autopilot disengage*, eram traduzidas como “desativação do piloto

automático”, acompanhadas de uma breve explicação sobre a utilização em fases críticas do voo. Procedimentos operacionais, como *engine fire drill*, eram apresentados como “procedimento em caso de incêndio no motor”, com explicações concisas para assegurar compreensão plena.

Esta experiência permitiu-me desenvolver competências essenciais no domínio da tradução oral em tempo real, num ambiente técnico e formal, reforçando a minha confiança na gestão de conteúdos complexos sob constrangimentos temporais. Para cumprir o tempo do exame, concentrei-me em transmitir apenas a informação essencial, segmentando frases longas em partes curtas e claras, utilizando termos técnicos precisos e simplificando detalhes menos relevantes.

Assim, a tradução mantinha-se fiel, mas sempre dentro do limite temporal. Como Chen (2010) descreve:

Sight translation is the oral translation of a written text. When performing the task, the sight translator reads a written text, processes the meaning quickly, and orally translates the text while it is still being read. Sight translation involves visual input of a written message and oral output of its meaning, a hybrid form of language mediation that partially resembles both the translation and the interpretation processes. (p. 158)

Cenkorá (2010) também explica o conceito, afirmando que é “one of the basic modes of interpreting (...) sight translation is a dichotomous process of language transfer from the source language (SL) into the target language (TL) as well as from a written into an oral form” (p.320). A investigadora salienta o esforço que este tipo de trabalho acarreta, pois há que prevenir o erro e as reformulação na hora: “sight translation presents higher cognitive demands as the text is constantly in front of the interpreter which, in particular, increases the risk of lexical interference and imitation of the original text structure” (Cenkorá, 2010, p. 321).

Neste contexto, a *sight translation* revelou-se uma ferramenta fundamental para assegurar a eficácia do processo avaliativo, permitindo que os formandos demonstrassem os seus conhecimentos técnicos sem que a barreira linguística interferisse com a sua performance. Este exercício de tradução, além do seu valor prático, constituiu um verdadeiro desafio profissional, onde o tradutor assume um papel ativo na mediação de conhecimento em tempo real, num setor em que a precisão é indispensável.

Aceitei este desafio de interpretação mesmo sem preparação prévia, motivado pela oportunidade de me testar em situações de alta exigência e aprendizagem intensa. A experiência revelou-se transformadora: permitiu-me expandir competências linguísticas, técnicas e interpessoais, enquanto compreendi a responsabilidade e a relevância do papel do tradutor em contextos críticos. Dizer “sim” a

este tipo de tarefa foi, portanto, uma decisão orientada pela vontade de enfrentar desafios, crescer profissionalmente e explorar a minha capacidade de adaptação em situações de elevada pressão.

5.3 Interpretação em Ambiente de Simulação

Uma das experiências mais desafiantes — e simultaneamente mais formativas — que vivenciei ao longo do estágio na Atexis foi a interpretação em ambiente de simulação operacional, em contexto aeronáutico. Esta tarefa consistia na interpretação consecutiva de comunicações, instruções técnicas e procedimentos operacionais durante sessões de treino em simuladores de voo de alta-fidelidade, geralmente frequentado por quatro pessoas na totalidade, durante seis horas diárias, utilizados na formação de pilotos e operadores de sistemas de missão (*mission system operators*), conforme se pode ver no exemplo da Figura 6.



Figura 6 – Ambiente de simulação de aproximação à pista no aeródromo de Bragança.

Ao contrário das situações de tradução realizadas em contexto de escritório — onde é possível trabalhar com alguma previsibilidade, conforto e controlo do ambiente —, a interpretação em simulação colocou-me num cenário de pressão constante, muito próximo das condições reais de voo. Durante estas sessões, os formandos eram sujeitos a viragens bruscas, vibrações, simulação de forças G, alarmes sonoros e stress operacional elevado, o que exigia de mim não apenas rapidez na tradução, mas também resistência física e foco mental contínuo, à semelhança dos pilotos em formação. A natureza destas simulações — muitas vezes imprevisível, intensa e repleta de terminologia especializada — exigia uma tradução imediata e funcional,

focada no sentido e na intenção da mensagem, mais do que na literalidade linguística. A pressão de ter de intervir em tempo real e sobretudo em inglês/espanhol, garantindo que os formandos compreendiam com exatidão os comandos ou cenários que estavam a ser reproduzidos, revelou-se uma prova exigente da minha capacidade de concentração, agilidade verbal e domínio técnico. Apesar da complexidade do ambiente e da fadiga inerente a estas sessões, consegui adaptar-me progressivamente ao ritmo da simulação, que frequentemente acontecia em horas noturnas.

Com o tempo, desenvolvi estratégias para priorizar o essencial (técnicas referidas anteriormente), simplificar a linguagem sem comprometer a precisão e manter a clareza comunicativa mesmo em situações-limite. Por exemplo, durante as sessões de simulação, o ambiente reproduz com grande realismo as condições de voo. Neste cenário, o tradutor tem de interpretar em tempo real instruções técnicas e procedimentos de emergência, como incêndio no motor, descarga de combustível ou falhas de sistemas, garantindo clareza e precisão sem margem para atrasos. Por exemplo, durante uma sessão no simulador, ocorreu uma falha de motor em pleno voo e, em questão de segundos, foi necessário acionar o sistema anti-incêndios — a minha tradução teve de ser imediata e precisa, pois qualquer atraso poderia comprometer a simulação e resultar numa “tragédia” simulada. A imprevisibilidade dos cenários, o ruído constante e a pressão do tempo aumentam a carga cognitiva, exigindo concentração absoluta, domínio

terminológico e resistência física. Qualquer falha de tradução pode comprometer o realismo do treino ou dificultar a aprendizagem dos formandos, tornando estas situações verdadeiros testes de resiliência e de capacidade de adaptação para o tradutor. A tecnologia usada neste contexto foi com recurso a headphones de cariz militar, da marca Bose.

Se houve um ensinamento claro que retirei desta vivência foi o seguinte: traduzir sentado, à secretária, com tempo e silêncio à volta, é um privilégio. Após enfrentar ambientes de simulação onde tudo é imprevisível e o erro pode comprometer a eficácia do treino, ganhei uma nova perspetiva sobre o meu papel enquanto tradutor.

Capítulo 6 – Reflexão Crítica

O percurso que culmina neste relatório não representa apenas o fecho de um ciclo académico, mas o testemunho vivo de um investimento pessoal, emocional e intelectual que transcende a tradução enquanto prática. O estágio realizado na Atexis, em Sevilha, foi mais do que um espaço de aplicação de conhecimentos: constituiu um verdadeiro laboratório de transformação interior, tive de colocar à prova diversas competências de cariz pessoal, como a capacidade de manter a calma, bem como a capacidade de comunicação clara em ambiente de pressão.

Integrar uma equipa multicultural, num contexto de elevada exigência como a indústria aeronáutica, significou muito mais do que traduzir manuais técnicos ou rever documentação linguística. Representou aprender a escutar o silêncio técnico das máquinas e os ruídos subtis da convivência humana. Significou também aceitar a falibilidade, compreender o erro como ponto de partida e transformar a incerteza em impulso. Num ambiente altamente regulado, marcado por normas internacionais e prazos intransigentes, emergiu a consciência de que a tradução não é apenas um exercício de equivalência, mas um ato de responsabilidade que exige a confiança absoluta dos outros.

A experiência confirmou, na prática, aquilo que a teoria da tradução especializada sublinha: a centralidade da precisão terminológica, da clareza comunicativa e da responsabilidade ética do

tradutor. Tal como referido na parte teórica deste relatório, a fraseologia padronizada é essencial, mas torna-se insuficiente em contextos de emergência. Neste ponto, teoria e prática cruzaram-se de forma clara: foi necessário adaptar a linguagem às exigências situacionais, improvisando com clareza e humanidade, sempre com rigor técnico. Esta vivência mostrou que a teoria não é uma abstração distante, mas um guia que, no terreno, ganha corpo e confirma a relevância da formação académica como base sólida para enfrentar a imprevisibilidade da prática.

Entre a precisão terminológica e a clareza comunicativa exigidas, desenvolvi competências que ultrapassam o domínio técnico: a resiliência perante o desconhecido, a assertividade em ambientes multiculturais, a escuta ativa e a tomada de decisão linguística sob pressão. Contudo, nem todos os dias foram lineares ou fáceis. Houve momentos em que surgiram dúvidas quanto à minha capacidade de corresponder às exigências técnicas e linguísticas do contexto aeronáutico. O ritmo intenso de trabalho e as longas jornadas resultaram em cansaço físico e mental, traduzido em noites de exaustão. Além disso, algumas tarefas ultrapassaram o que eu inicialmente considerava o limite das minhas competências, obrigando-me a sair da zona de conforto e a confiar mais em mim próprio. Esses desafios, apesar de difíceis, transformaram-se em oportunidades de crescimento, permitindo-me fortalecer a autoconfiança e desenvolver novas estratégias para lidar com situações de elevada pressão. Foi

precisamente nesses momentos que descobri o verdadeiro valor do esforço, da curiosidade e da humildade.

O contacto com profissionais altamente especializados, a convivência com uma equipa internacional e a responsabilidade atribuída desde o primeiro dia forjaram em mim uma maturidade profissional que nenhuma sala de aula poderia oferecer sozinha. Sair de Portugal rumo a Sevilha não foi apenas uma deslocação física — foi também uma deslocação interior. Uma travessia pessoal em que fui confrontado com os limites do que sabia e convidado a expandi-los.

O verdadeiro estágio não aconteceu apenas na Atexis: aconteceu dentro de mim, no espaço onde o conhecimento técnico encontrou a consciência ética, e onde a prática da tradução se tornou metáfora para o autoconhecimento. Esta experiência revelou-se profundamente enriquecedora, tanto a nível profissional como pessoal. Tive a oportunidade de consolidar e expandir os meus conhecimentos em engenharia técnica e comunicação aeronáutica, ao mesmo tempo que desenvolvi competências transversais fundamentais, como a gestão do tempo, o trabalho em equipa, a resolução de problemas e a comunicação intercultural.

Esta experiência permitiu-me melhorar significativamente a forma como traduzo, desenvolvendo uma atenção ainda mais rigorosa ao vocabulário técnico, à terminologia padronizada e à consistência das instruções. Mais do que apenas trabalhar com textos escritos, tive a oportunidade de contribuir para traduções em tempo real, o que me

expôs a situações em que a rapidez de compreensão e a clareza da linguagem são cruciais.

Este contacto direto com a tradução “ao vivo” proporcionou-me uma aprendizagem prática que vai além da tradução tradicional de papel, permitindo compreender melhor os desafios enfrentados em contextos de alta pressão, onde cada palavra pode ter consequências diretas na segurança operacional. Assim, o estágio não só aprimorou as minhas competências linguísticas e técnicas, como também me permitiu experimentar de forma concreta a responsabilidade e o rigor exigidos num ambiente tão sensível como o da aviação.

Em suma, o estágio na Atexis representou uma autêntica ponte entre o mundo académico e o contexto profissional. Permitiu-me aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado em situações reais e desafiantes, ao mesmo tempo que confirmou, na prática, os princípios teóricos estudados. Esta vivência fortaleceu a minha motivação para prosseguir uma carreira internacional no setor da engenharia técnica, com especial foco na área da documentação aeronáutica.

6.1 Conclusão

O presente relatório reflete o término de um percurso acadêmico e profissionalizante que ultrapassa o simples exercício técnico da tradução, assumindo-se como uma experiência transformadora. O estágio na Atexis, em Sevilha, constituiu não apenas a oportunidade de aplicar conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado, mas também um espaço privilegiado de aprendizagem prática, marcado por desafios que exigiram rigor, resiliência e capacidade de adaptação.

As tarefas desenvolvidas — desde a tradução de documentação técnica até à interpretação em provas e simulações de voo — mostraram que o papel do tradutor vai muito além da invisibilidade tradicionalmente associada à profissão, postulada, por exemplo, por Venuti (1995). Neste contexto, o tradutor tornou-se mediador ativo de conhecimento, garantindo que a comunicação fluiu com clareza e eficácia mesmo em cenários de pressão extrema. Esta dimensão prática reforçou não só a importância do domínio terminológico, mas também a necessidade de competências transversais como a gestão do tempo, a comunicação intercultural e a tomada de decisão sob pressão.

Paralelamente, este percurso trouxe consigo um crescimento pessoal significativo. Os momentos de dúvida e exaustão transformaram-se em oportunidades de autossuperação, consolidando a confiança nas minhas capacidades e fortalecendo a motivação para

prosseguir uma carreira internacional no setor da documentação técnica aeronáutica.

O presente relatório reflete sobre as vertentes desempenhadas e apresenta um conjunto de reflexões teóricas que me parecem relevantes para enquadrar a componente prática desenvolvida. Assim, entendo que este trabalho responde aos propósitos de um relatório, permitindo, por um lado, um enquadramento teórico sobre temas como a tradução especializada, o inglês para aviação e a confiança, todos eles interrelacionados no contexto especializado de um mundo onde as traduções também voam, ainda que metaforicamente.

Referências bibliográficas

- Alegre, T., & Herget, K. (2021). *Tradução especializada – Domínios, gêneros textuais e contextos de comunicação: Estudos no par linguístico alemão-português*. UA Editora.
- Aixelá, J. F. (2004). The study of technical and scientific translation: An examination of its historical development. *The Journal of Specialised Translation*, "1"(1).
- APTRAD – Associação de Profissionais de Tradução e de Interpretação. (n.d.). *Código ético e deontológico*. (<https://aptrad.pt/codigo-deontologico/>)
- Arnó-Maci, E., Bárcena, E., Read, T. (2014). *Languages for specific purposes in the digital era*. Springer International Publishing.
- Bennett, K. (2011). The scientific revolution and its repercussions on the translation of technical discourse. *The Translator*, 17(2), 189–210. 10.1080/13556509.2011.10799486
- Bîrsan, A. (2024). *Teaching military terminology by means of translations*. In International Conference Knowledge-Based Organization, 30(2).
- Bocorny, A. E. P. (2011). Panorama dos estudos sobre a linguagem da aviação. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 11(4), 963–986.
- Byrne, J. (2014). *Scientific and technical translation explained: A nuts and bolts guide for beginners*. Routledge.

- Cabré, M. T. (1999). *Terminology: Theory, methods, and applications* (Vol. 1). John Benjamins Publishing.
- Caldwell, P. (2020). Translation, trust and distrust in the 2011 Great East Japan Earthquake. *Disaster Prevention and Management: An International Journal*, 29(4), 437–449. 10.1108/DPM-11-2018-0374
- Čeňková, I. (2010). Sight Translation: Prima Vista. In Y. Gambier & L. van Doorslaer. (eds.) *Handbook of Translation Studies*. (pp. 320-323). John Benjamins.
- Chesterman, A. (1997). *Memes of translation*. John Benjamins.
- Chesterman, A. (2001). Proposal for a hieronymic oath. *The translator*, 7(2), 139-154.
- Crystal, D. (1997). *English as a global language*. Cambridge University Press.
- Dalipi, E. (2025). Teaching foreign languages for specific purposes: motivation and cooperative learning. *International Journal of Social and Educational Innovation (IJSEIro)*, 139-147.
- Douglas, D. (2000). *Assessing languages for specific purposes*. Cambridge University Press.
- Estival et al, D., Farris, C., & Molesworth, B. (2018). *Aviation English: A lingua franca for pilots and air traffic controllers*. Routledge.

- Falcão, A. S. R. (2021). *A tradução especializada em contexto empresarial*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Minho.
- Gambier, Y., & van Doorslaer, L. (Eds.). (2010). *Handbook of translation studies*. John Benjamins Publishing Company.
- Hu, B., Valdez, S., & Ragni, V. (2025). Introduction:(de) constructing trust in high-stakes intercultural mediation. *Translation Studies*, 18(2), 173-189.
<https://doi.org/10.1080/14781700.2025.2518577>
- International Civil Aviation Organization. (2010). *Manual on the implementation of ICAO language proficiency requirements* (Doc 9835). ICAO.
- Krapivkina, O. A. (2018). *Sight translation and its status in training of interpreters and translators*. "Indonesian Journal of Applied Linguistics, 8"(3), 693–702.
- Millán, C., & Bartrina, F. (Eds.). (2013). *The Routledge handbook of translation studies*. Routledge.
- Monnier, N. (2018). *Languages for specific purposes in history*. Cambridge Scholars.
- Montgomery, S. (2010), Scientific Translation. In Y. Gambier & L. van Doorslaer. (eds.) *Handbook of Translation Studies*. (pp. 299-305). John Benjamins.

- Nagy, I. K. (2014). English for special purposes: Specialized languages and problems of terminology. *Acta Universitatis Sapientiae, Philologica*, 6(2), 261-273.
- O'Brien, S., & Federici, F. M. (2020). *Crisis translation: Considering language needs in multilingual disaster settings*. *Disaster Prevention and Management*, 29(2), 129-143
- Olohan, M. (2016). *Scientific and technical translation*. Routledge.
- Pym, A. (2025). Deconstructing translational trust. *Translation Studies*, 18(2). 190-205.
<https://doi.org/10.1080/14781700.2025.2476487>
- Pym, A. (2020). Trust-based translation history: Guideline questions and an illustration. *Chronotopos—A Journal of Translation History*, 2(1&2), 146-160. <https://doi.org/10.25365/cts-2020-2-1-6>
- Rogers, (2012). *Translating specialised texts: From terms to communication*. *The Journal of Specialized Translation*, (18), 2-6.
- Rogers, (2015). *Specialized translation: Shedding the 'non-literary' tag*. Palgrave Macmillan.
- Ruggiero, D. (2022). *Teaching world languages for specific purposes: a practical guide*. Georgetown University Press.
- Scarpa, F. (2020). *Research and professional practice in specialised translation*. Palgrave Macmillan.
- Silveiro, A. C. L. (2019). *Da teoria à prática: As normas de qualidade em tradução especializada*. Universidade de Aveiro.

Schubert, K. (2010). Technical Translation. In Y. Gambier & L. van Doorslaer. (eds.) *Handbook of Translation Studies*. (pp. 350-355). John Benjamins.

Seidlhofer, B. (2011). *Understanding English as a lingua franca*. Oxford University Press.

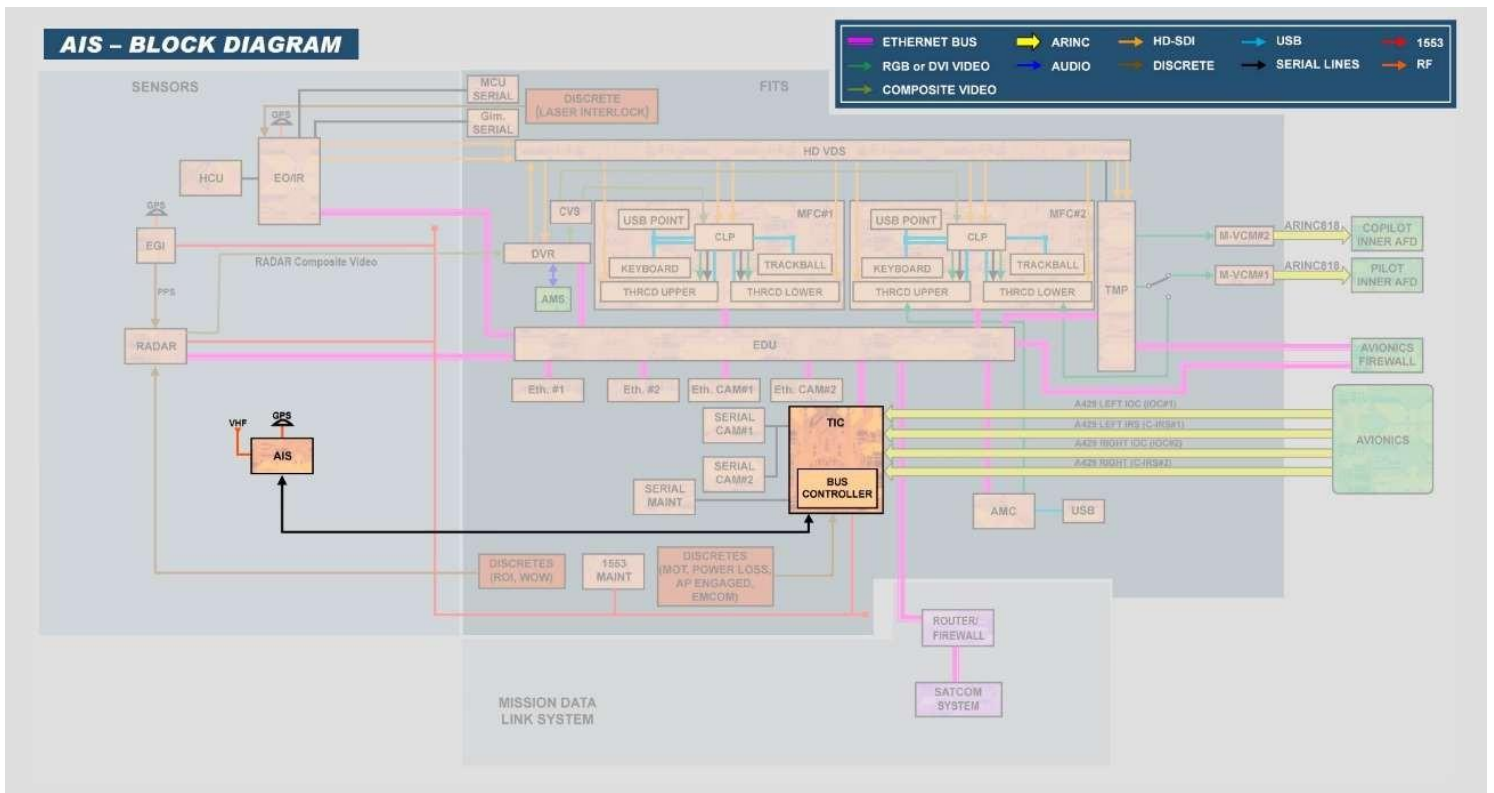
Terenzi, D., & Pantoja, M. T. B. (2018). *A busca pela tradução de termos técnicos da área de manutenção de aeronaves: Um estudo exploratório*. *Revista CBTECLE*, "2"(1), 021-032.

Trace, J., Hudson, T., & Brown, J. D. (2015). *Developing courses in languages for specific purposes*. University of Hawaii.

Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility: a history of translation*. Routledge.

Apêndices

Apêndice A – Tradução de um diagrama denominado de Automatic Identification System



Apêndice B – Índice da Tradução de um ficheiro relativo a um sistema de comunicações por satélite

Table of Content

Chapter 1 Inmarsat Satcom System	4
1.1 INTRODUCTION	4
1.1.1 General.....	4
1.1.2 Controls and Indicators	13
1.2 DESCRIPTION.....	23
1.2.1 General Description. Components	23
1.2.2 General Description. Electrical Power.....	31
1.3 BASIC OPERATION	33
1.3.1 Power Up.....	33
1.3.2 Inmarsat SATCOM. Control and User Interface	35
1.3.3 Shutdown	38
1.4 ADVANCED OPERATION	40
1.4.1 Menu Structure.....	40
1.4.2 SAT-PHONE First Page.....	42
1.4.3 SAT-PHONE Second Page.....	53
Chapter 2 IRIDIUM Satcom System.....	98
2.1 INTRODUCTION.....	98
2.1.1 General.....	98
2.1.2 Controls and Indicators	103
2.2 DESCRIPTION.....	111
2.2.1 General Description. Components	111
2.2.2 General Description. Electrical Power.....	113
2.3 OPERATION	115

Version. A002
Released in Jul - 2024
Review. 1

Training Use Only

2 / 119

This document shall be used in accordance with the provisions described on the front page.

2.3.1 Iridium SATCOM System Operation	115
Acronyms	117

Apêndice C – Índice da Tradução de um ficheiro relativo a formação em missões de voo

Table of contents

Chapter 1 Mission Window.....	3
1.1 DESCRIPTION.....	3
1.1.1 Mission Window. General.....	3
1.2 OPERATION.....	15
1.2.1 Mission Window. Access.....	15
1.2.2 Mission Window. Layout Configuration Window.....	17
1.2.3 Mission Window. TSW Page.....	20
1.2.4 Mission Window. EO/IR Pages.....	47
1.2.5 Mission Window. Radar Page.....	53
1.2.6 Mission Window. Procedures Page.....	57
1.2.7 Mission Window. Files Page.....	63
1.2.8 Mission Window. NIM Page.....	69
1.2.9 Mission Window. Flight Sequence Transfer Page.....	71
1.2.10 Mission Window. Navigation Page.....	77
1.2.11 Mission Window. Vessel Page.....	82
1.2.12 Mission Window. Alerts.....	88
Acronyms.....	93

Apêndice D – Índice da Tradução de um manual de formação relativo a interfaces acessíveis em voo

Table of contents

Chapter 1. EO/IR	5
1.1 INTRODUCTION	5
1.1.1 General	5
1.1.2 Controls and Indicators	9
1.2 DESCRIPTION	15
1.2.1 General	15
1.2.2 General Description. Hand Controller Unit Interface	19
1.2.3 General Description. Turret	21
1.2.4 General Description. Payload Sensors	25
1.2.5 General Description. Electrical Power	37
1.2.6 General Description. GPS Antenna	39
1.2.7 General Description. Interfaces	41
1.2.8 Controls and Indicators	51
1.3 BASIC OPERATION	57
1.3.1 Power Up	57
1.3.2 EO/IR. User Interface	59
1.3.3 Shutdown	65
1.4 ADVANCED OPERATION	67
1.4.1 EO/IR Graphical Overlay	67
1.4.2 EO/IR Steering Modes. Stow (STOW)	91
1.4.3 EO/IR Steering Modes. Forward (FWD)	95
1.4.4 EO/IR Steering Modes. Rate (MAN)	103
1.4.5 EO/IR Steering Modes. Rate Aid (RAID)	107
1.4.6 EO/IR Steering Modes. Auto (AUTO)	113

Training Use Only
UNCLASSIFIED

2 / 363

This document shall be used in accordance with the provisions described on the front page.

AIRBUS

EO/IR
General

1.4.7 EO/IR Steering Modes. Auto Aid (AAID)	117
1.4.8 EO/IR Steering Modes. Continuous Point (AUTO)	121
1.4.9 EO/IR Steering Modes. Point (AUTO)	125
1.4.10 EO/IR Steering Modes. Autoscan (SCAN)	129
1.4.11 EO/IR Advanced Video Tracker (AVT)	135
1.4.12 EO/IR Steering Modes. Zoom Multiplier	150
1.4.13 EO/IR FITS Contacts Creation	152
1.4.14 EO/IR Pointing Data Display	154
1.4.15 EO/IR Video In Control (VIC)	156
1.4.16 EO/IR Focus Distance	162
1.4.17 EO/IR EOW Sensor	170
1.4.18 EO/IR IR Sensor	192
1.4.19 EO/IR EON Sensor	219
1.4.20 EO/IR Image Blending	239
1.4.21 EO/IR Laser Safety Information	251
1.4.22 EO/IR Targets Illumination	254
1.4.23 EO/IR Firing Procedure	270
1.4.24 EO/IR Laser Range Finder	283
1.4.25 EO/IR Moving Target Indicator (MTI)	288
1.4.26 EO/IR GeoScan	296
1.4.27 EO/IR BIT	301
1.4.28 EO/IR Recommended Operation Tasks	305
1.4.29 EO/IR Embedded Data	317
1.4.30 EO/IR User Menu	319
1.4.31 EO/IR Alerts List	357
Acronyms	360

Apêndice E – Índice da Tradução de um ficheiro relativo a um sistema de direções e mapeamento

Table of Content

Chapter 1 Direction Finder System	4
1.1 INTRODUCTION	4
1.1.1 General	4
1.1.2 Controls and Indicators	8
1.2 DESCRIPTION	10
1.2.1 General Description. Components	10
1.2.2 General Description. Interfaces	16
1.2.3 General Description. Electrical Power	18
1.2.4 Controls and Indicators	20
1.3 BASIC OPERATION	24
1.3.1 Power Up	24
1.3.2 Operation Modes	26
1.3.3 DF Control and User Interface	28
1.3.4 Shutdown	31
1.4 ADVANCED OPERATION	33
1.4.1 DF Operation Modes. Distance, Bearing and FOM	33
1.4.2 DF Operation Modes. Tactical Mode (TCT)	35
1.4.3 DF Operation Modes. Beacon Mode (BCN)	46
1.4.4 DF Operation Modes. Search And Rescue Mode (SAR)	53
1.4.5 DF Operation Modes. Guard Mode (GUARD)	64
1.4.6 DF COSPAS-SARSAT (C/S) Messages	71
1.4.7 DF Pre-set Frequencies	75
1.4.8 Direction Finder Status	78
1.4.9 DF Indications. Indications in the FITS	85

Version. AO02
Released on Jul - 2024
Review. 1.1

Training Use Only

2 / 101

This document shall be used in accordance with the provisions described on the front page.

1.4.10 DF Indications. Indications on ACPs	97
Acronyms	100

Apêndice F – Índice da Tradução de um ficheiro relativo a diferentes tipologias de operações

Table of contents

Chapter 1. EO/IR	5
1.1 INTRODUCTION	5
1.1.1 General	5
1.1.2 Controls and Indicators	9
1.2 DESCRIPTION	15
1.2.1 General	15
1.2.2 General Description. Hand Controller Unit Interface	19
1.2.3 General Description. Turret	21
1.2.4 General Description. Payload Sensors	25
1.2.5 General Description. Electrical Power	37
1.2.6 General Description. GPS Antenna	39
1.2.7 General Description. Interfaces	41
1.2.8 Controls and Indicators	51
1.3 BASIC OPERATION	57
1.3.1 Power Up	57
1.3.2 EO/IR. User Interface	59
1.3.3 Shutdown	65
1.4 ADVANCED OPERATION	67
1.4.1 EO/IR Graphical Overlay	67
1.4.2 EO/IR Steering Modes. Stow (STOW)	91
1.4.3 EO/IR Steering Modes. Forward (FWD)	95
1.4.4 EO/IR Steering Modes. Rate (MAN)	103
1.4.5 EO/IR Steering Modes. Rate Aid (RAID)	107
1.4.6 EO/IR Steering Modes. Auto (AUTO)	113

Training Use Only
UNCLASSIFIED

2 / 363

This document shall be used in accordance with the provisions described on the front page.

AIRBUS

EO/IR
General

1.4.7 EO/IR Steering Modes. Auto Aid (AAID)	117
1.4.8 EO/IR Steering Modes. Continuous Point (AUTO)	121
1.4.9 EO/IR Steering Modes. Point (AUTO)	125
1.4.10 EO/IR Steering Modes. Autoscan (SCAN)	129
1.4.11 EO/IR Advanced Video Tracker (AVT)	135
1.4.12 EO/IR Steering Modes. Zoom Multiplier	150
1.4.13 EO/IR FITS Contacts Creation	152
1.4.14 EO/IR Pointing Data Display	154
1.4.15 EO/IR Video In Control (VIC)	156
1.4.16 EO/IR Focus Distance	162
1.4.17 EO/IR EOW Sensor	170
1.4.18 EO/IR IR Sensor	192
1.4.19 EO/IR EON Sensor	219
1.4.20 EO/IR Image Blending	239
1.4.21 EO/IR Laser Safety Information	251
1.4.22 EO/IR Targets Illumination	254
1.4.23 EO/IR Firing Procedure	270
1.4.24 EO/IR Laser Range Finder	283
1.4.25 EO/IR Moving Target Indicator (MTI)	288
1.4.26 EO/IR GeoScan	296
1.4.27 EO/IR BIT	301
1.4.28 EO/IR Recommended Operation Tasks	305
1.4.29 EO/IR Embedded Data	317
1.4.30 EO/IR User Menu	319
1.4.31 EO/IR Alerts List	357
Acronyms	360

Apêndice G – Tradução de um Data Link System

